



atos

do conselho superior

ano LXIV — abril-junho, 1983

n. 308

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho superior
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 308

ano LXIV

abril-junho de 1983

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ <i>Martírio e paixão no espírito apostólico de Dom Bosco</i>	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	(Não há neste número)	
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	(Não há neste número)	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR	4.1 Crônica do Reitor-Mor 4.2 O Vice-Reitor-Mor 4.3 Atividades dos Conselheiros	23 23 24
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Capítulo Geral XXII (CG22) .. 5.2 Causa dos nossos santos — Teresa Valsè Pantellini, venerável — Luís Versiglia e Calisto Caravario 5.3 Universidade Pontifícia Salesiana . 5.4 Solidariedade fraterna (42. ^a relação) 5.5 Ruggiero Pilla 5.6 Carta do Reitor-Mor, de Belém .. 5.7 Notícias missionárias — Partidas missionárias em 1982 — Projeto África 5.8 Família Salesiana e Comunicação Social 5.9 Irmãos falecidos	32 33 35 39 48 50 51 51 52 54 63

1. CARTA DO REITOR-MOR

P. Egídio VIGANÓ

MARTÍRIO E PAIXÃO NO ESPÍRITO APOSTÓLICO DE DOM BOSCO

A. **NOTÍCIAS:** 1. Troca do Ecônomo Geral. — 2. A beatificação de Dom Luís Versiglia e do P. Callisto Caravario.

B. **MARTÍRIO E PAIXÃO NO ESPÍRITO APOSTÓLICO DE DOM BOSCO.** — Importância da "paixão" numa espiritualidade de vida ativa. — O valor cristão da "paixão". — Terríveis exigências do pecado. — A sublimidade do martírio. — O "martírio incruento" na escola de Dom Bosco. — A valorização apostólica do sofrimento. — Cuidado, gratidão e afeto para com os irmãos inválidos e sofredores.

Roma, 24 de fevereiro de 1983

Queridos irmãos,

estamo-nos preparando para a Páscoa. Dirijo a todos meus votos fraternos de empenho quaresmal na conversão e reconciliação, enquanto meditamos o mistério da paixão e morte do nosso Senhor Jesus.

A Páscoa e o Pentecostes deste Ano Santo devem ver-nos mais do que nunca em atitude de adoração, enquanto pedimos ao Espírito do Senhor que acompanhe os futuros capitulares para que se desincumbam bem do trabalho denodado e histórico da revisão final das Constituições e dos Regulamentos.

Dirijo-vos a saudação e os votos dos membros do Conselho Superior reunidos aqui na Casa Geral para os diversos aspectos preparatórios do próximo Capítulo Geral. Temos presentes a todos, e por todos rezamos.

Antes de oferecer-vos algumas reflexões espirituais, dou duas notícias.

1. Mudança do Ecônomo Geral

Em 8 de dezembro passado, festa da Imaculada, o nosso benemérito e caríssimo

4 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P. Ruggiero Pilla, Ecônomo Geral, entregava-me, comovido, uma carta longamente pensada na oração e em diálogo com o Reitor-Mor, com o Conselho Superior e com pessoas de qualificada prudência. Pedia para ser dispensado do seu encargo porque era-lhe “cada vez mais pesado pela saúde e pela idade”. O *P. Pilla* chegou a esse pedido após meses de sofrimento, e para apresentá-lo teve que exercer violência sobre o seu coração salesiano. Podeis compreender as suas motivações e os seus sentimentos, lendo sua carta, transcrita mais adiante neste mesmo número de Atos.

Em 4 de fevereiro deste ano, sexta-feira, de acordo com o artigo 147 das Constituições, o Reitor-Mor com o seu Conselho confiou o encargo de Ecônomo Geral ao irmão *P. Homero Paron*, “até o fim do sexênio já iniciado pelo sócio cessante”.

É a segunda vez que este Conselho deve substituir um dos seus membros. Fizemo-lo com pena e esperança, procurando diligentemente o melhor serviço para a Congregação.

Sentimo-nos todos devedores de grande gratidão para com o *P. Ruggiero Pilla*. Pudemos admirar-lhe o amor a Dom Bosco, sua dedicação, competência, sentido salesiano de pobreza, magnanimidade e espírito de iniciativa, seu trato amável, sua grande formação cultural e a elegância da caridade com que prestava seu serviço.

Depois de ter sido incomparável Educador, Diretor e Inspetor, desempenhou por vinte anos o ofício de Ecônomo Geral, quando a Congregação enfrentava os problemas de crescente vastidão mundial. Já antes, durante dez anos, havia sido valioso e íntimo colaborador do *P. Giraudi*, seu predecessor no cargo. Trata-se, pois, de bem trinta anos — ou seja, de uma vida! — de responsabilidade num setor complexo e em contínua evolução, sempre mais in-

trincado e de difícil gestão. Admiramos a habilidade e constante precisão com que o P. Pilla soube desempenhar sua tarefa, o impulso e as orientações dadas, as obras realizadas, as graves dificuldades felizmente superadas.

Obrigado, caríssimo P. Pilla, em nome de toda a Congregação! O senhor mereceu deveras a gratidão e a estima de todos, e havemos de manifestá-las sempre com o nosso afeto e a nossa oração.

Enquanto manifestamos nosso vivo reconhecimento ao P. Pilla, apresentamos também nossos votos cordiais e a nossa plena confiança ao P. *Homero Paron*, que aceitou o encargo com generosa disponibilidade e iniciou logo, com alegre abnegação, seu trabalho.

O P. Paron foi, antes, Ecônomo inspetorial e depois, por um sexênio, Inspetor da nossa província Vêneta-Este de "São Marcos". Tem competência, fidelidade salesiana, simpatia fraterna, boa saúde e vontade de cumprir sua tarefa. Havemos de acompanhá-lo com solidariedade e colaboração. Entretanto pedimos a Dom Bosco que interceda por ele, para que seja um válido Ecônomo segundo o seu espírito.

2. A beatificação de Dom Luís Versiglia e do P. Calisto Caravario

Como já vos comuniquei numa carta especial, no próximo dia 15 de maio, domingo da Ascensão, o Santo Padre beatificará os nossos primeiros dois mártires, missionários na China.

Toda a Família Salesiana se alegra e prepara para celebrar o evento com intensidade espiritual, com proveito apostólico e também com dignas manifestações. A celebração mais importante é, por certo, a que se realizará em Roma, na basílica de São Pedro.

Exorto-vos a todos a prepará-la convenientemente e a fazer com que dela participe o

maior número possível de pessoas. O Ano Santo, que se iniciará algumas semanas antes, inclui esta beatificação no peculiar Advento de preparação para o terceiro milênio do Cristianismo, que constitui um dos temas preferidos e proféticos de João Paulo II. Esperamos que o evento seja para nós portador de uma renovada presença na China: o sangue dos mártires tornar-se-á por certo semente fecunda para aquela maravilhosa difusão do Evangelho, sobretudo entre a juventude do imenso povo chinês, que constituiu o grande ideal missionário dos dois novos Beatos.

Ponhamos, pois, mãos à obra para preparar dignamente as celebrações para a beatificação, sobretudo a do Vaticano.

MARTÍRIO E PAIXÃO NO ESPÍRITO APOSTÓLICO DE DOM BOSCO

O martírio dos dois irmãos, Dom Luís Veriglia, e P. Calisto Caravario, oferece-nos oportunidade para muitas reflexões espirituais.

Entre os vários argumentos de meditação, escolho um que poderá parecer, à primeira vista, inusitado, mas que é indispensável e assaz fecundo para o nosso espírito salesiano de vida ativa. Convido-vos a aprofundar o misterioso tema da “paixão”: pertence à própria essência da vida cristã.

Cristo nos redimiou através da “paixão”. Os mártires são venerados pela Igreja pela sua cruenta “paixão”. Os santos todos atenderam ao convite do Senhor que exorta a saber “sofrer”: “Se alguém quer seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, cada dia, e siga-me. Porque aquele que quiser salvar sua vida, perdê-la-á, mas aquele que perder sua vida por minha causa, salvá-la-á”.¹

Há Institutos religiosos na Igreja que têm como característica da sua vocação a de con-

1. Lucas 9, 23-24

templar e viver os grandes valores da “paixão” de Jesus para testemunhá-los e proclamá-los entre as demais pessoas.

O Povo de Deus possui uma “mística de martírio”. Com efeito, o Batismo semeia no coração de todo o discípulo uma espécie de instinto para com a paixão do Senhor.

**Importância da “paixão”
numa espiritualidade de vida ativa**

Nós, Salesianos, amamos a santidade operosa. Fomos chamados pelo Senhor para uma vida apostólica. Olhamos para Dom Bosco admirando nele, com especial simpatia, a sua espiritualidade do trabalho. Relemos os escritos do nosso patrono São Francisco de Sales, detendo-nos com preferência sobre suas reflexões acerca do “êxtase da ação”. Formados nesse clima espiritual, sentimos a necessidade, e a experiência no-lo ensina, de confrontar “ação” e “paixão”, para não nos iludirmos quanto às exigências concretas do dinamismo do nosso espírito.

Entretanto, a história do cristianismo nos ensina que apostolado e martírio estão intimamente ligados entre si. Os doze apóstolos são também mártires. Os dois irmãos que serão beatificados continuaram a testemunhar no martírio, de forma excelsa, os mesmos valores e o mesmo espírito da sua vocação salesiana.

Ficamos fortemente impressionados, e quase desconcertados, ante a presença, na “santidade salesiana”, de uma modalidade, sem dúvida excepcional mas genuinamente nossa, de um P. André Beltrami que, gravemente doente, exclama: “Nem sarar, nem morrer, mas viver para sofrer”. Talvez nos assombre, mas é um fato, que essa modalidade tenha florescido, através do P. Luís Variara, para desenvolver-se

com características próprias num dos grupos da nossa Família, o Instituto das Filhas dos Sagrados Corações, que surgiu na Colômbia; tem ele como peculiaridade justamente uma profunda atitude vital e oblativa.

Imersos no dinamismo apostólico, habituados ao trabalho, à fadiga, estimulados a contínua inventiva pastoral, poderíamos correr o perigo de esquecer os valores da “paixão”. Entretanto o espírito salesiano de Dom Bosco abre-se, na lógica do “da mihi animas”, ao mistério secreto do sofrer até o martírio.

“Todos devemos carregar a cruz como Jesus — diz-nos Dom Bosco — e a nossa cruz são os sofrimentos que todos encontramos na vida!”² “Quem não quer sofrer com Jesus Cristo na terra, não poderá gozar com Jesus Cristo no Céu”.³

2. Memórias Biográficas
10, 648

3. ib 2, 362

As Constituições no-lo recordam com exigência: “O trabalho apostólico... é a ascética (do Salesiano)... Está pronto a suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e o desprezo sempre que se tratar da glória de Deus e da salvação das almas”.⁴

4. Constituições 42

O espírito que o Fundador nos deixou em herança apresenta-se constantemente impregnado de contínuo “martírio de caridade e sacrifício”, iluminado e animado pelo grande ideal que lhe enchia o coração: “salvar as almas”. É um “martírio” geralmente incruento, aberto, porém, se a Deus aprouver, ao dom da vida também no derramamento do sangue. Numa conversação sobre seu tema predileto das missões, Dom Bosco disse explicitamente: “Se o Senhor na sua Providência dispuser que algum de nós sofra o martírio, haveríamos de nos espantar com isso?”⁵

5. Memórias Biográficas
12, 13

Dom Versiglia e o P. Caravario, fiéis ao espírito salesiano, não se espantaram,

O valor cristão da "paixão"

Jesus chamou ao tempo da paixão a sua "hora", ainda que lhe tenha avaliado dolorosamente o peso: "Passe de mim este cálice!".

Foi precisamente através da paixão e da morte que remiu o mundo. Quanto nos deve fazer pensar essa afirmação paradoxal! Ele é apóstolo do Pai sobretudo no Calvário. A celebração sacramental da Eucaristia no-lo recorda quotidianamente.

Procuremos aprofundar-lhe o porquê.

Jesus viveu com plenitude a sua filiação divina com consciente disponibilidade aos planos do Pai, em sincera obediência.

Traduziu o seu ardor apostólico numa total oblação de si, seja quando chegou para ele o tempo de agir (ministério público), seja quando souo para ele a hora de sofrer (Getsêmani e Calvário).

Na sua "ação" e na sua "paixão" descobrimos uma única atitude fundamental — *a plena disponibilidade do seu amor filial, tanto para agir como para sofrer!*

Também para nós a adoção para filhos de Deus, vivida na consagração apostólica, deve manter-nos abertos a ambas as formas de disponibilidade: a da ação e a da paixão. O que conta é a oblação de si na realização dos planos de Deus. Como em Cristo, também em nós o ápice da atitude filial é: tanto o dom de si, na ação, para nos empenharmos com zelo incansável na edificação do Reino do Pai, como o dom da própria vida na paixão, para deixar o primeiro lugar absoluto à "ação do Pai" na hora por ele estabelecida.

"O fato de que a disponibilidade cristã pode ser perfeita e significativa em ambas as direções, como ação e como sofrimento — escreve Urs von Balthasar —, constitui a sua superioridade

dade sobre a outra grande disponibilidade ao empenho, a comunista”.

O que guia a nossa disponibilidade ao empenho é a fé: nós estamos seguros de que o homem mais “empenhado” da história é Cristo.

A consciência de tal disponibilidade oferece-nos a oportunidade para retomar em profundidade dois aspectos, muitas vezes discutidos, da nossa vocação: o verdadeiro valor da “missão” e o da “contemplação”.

A “missão” apostólica não é somente ação. Vemo-lo claramente em Cristo. Ele viveu a sua missão de salvador dos homens quer na ação e na paixão, em mútua vinculação e compenetração, de forma absolutamente inseparável.

Ouvimos discutir tanto sobre a “missão”, mas nem sempre, talvez, partindo do mistério de Cristo. A missão apostólica é possível somente com o dom de si ao Pai para a realização do “Seu” plano de salvação. Não é simplesmente atividade, inventiva, projeto do nosso dinamismo; é também sofrimento, paixão e morte em conformidade com a vontade divina.

A “contemplação” (ou melhor, a dimensão contemplativa) é certamente o centro vital de toda a vida religiosa. Muito se discutiu sobre “ação” e “contemplação”, talvez desnaturando o verdadeiro significado cristão de ambas. A paixão, meditada no Cristo, ajuda-nos a melhor repensar as coisas.

A disponibilidade filial, vivida na paixão, faz-nos perceber que a caridade, coração propulsor tanto da forma de vida apostólica como da forma de vida contemplativa, tende sempre como ao seu vértice supremo ao dom total de si na participação do mistério de Cristo. Assim podemos dizer que a plenitude do amor se encontra mais além das formas de vida ativa ou contemplativa, porque em ambas se tende ao

dom total de si para o Reino de Cristo e de Deus.

Por isso, se o fundamento do empenho apostólico é propriamente a filial disponibilidade ao Pai, quererá dizer que toda espiritualidade da ação inclui em si uma constante abertura à paixão, como para afirmar como “ação absoluta” somente a do Pai.

“Para um cristão — observa ainda Urs von Balthasar — ação e contemplação não se podem adequadamente separar uma da outra. Com efeito, a disponibilidade (ao Pai) atenta, receptiva, aberta, é o fundamento de toda ação; esta, de sua vez, deve tender a ultrapassar a si mesma num tipo de atividade mais profunda, a qual — sob forma de “paixão” — é a ação mesma de Deus dentro do homem lançado para além dos próprios limites. A vida cristã, pois, encontra-se sempre além desses dois aspectos (de contemplação e de ação); e eles, precisamente, não se completam a partir de fora, mas compenetraram-se interiormente. Quem considerasse a Igreja tão-somente a nível sociológico, não poderia perceber essa compenetração”.⁶

Como é útil para todos nós — no sofrimento, na doença, na velhice, na invalidez, na agonia e na morte — saber que ali, na paixão, não estamos marginalizados do apostolado, mas que ele está-se fecundando e levando a cabo. A graça mais importante a ser alcançada não é a de não sofrer, mas a de estar plenamente disponíveis ao Pai, de modo a poder repetir com São Paulo: “Agora eu me alegro nos sofrimentos que padeço por vós; e o que falta às tribulações de Cristo eu o completo em minha carne, em favor do seu corpo, que é a Igreja”.⁷

Também São Pedro exorta-nos dizendo: “Pelo contrário, na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que, na manifestação de sua glória, vos alegreis também e exulteis”.⁸

6. URS VON BALTHASAR, *Au delà de l'action et de la contemplation? in Vie consacrée*, março-abril 1973, 4

7. Colossenses 1, 24

8. 1 Pedro 4, 13

Terríveis exigências do pecado

O discurso cristão sobre a paixão pode parecer hoje muito estranho porque a civilização em que vivemos foi invadida por um crescente secularismo. Com o enfraquecimento da visão de um Deus presente na história e com certa manipulação do mistério de Cristo, vai-se perdendo pouco a pouco o “sentido do pecado”. É uma perda fatal. A dimensão ética da vida vai-se sujeitando cada dia mais ao relativismo; os princípios morais sofrem forte crise. Não é por nada que os Bispos vão-se reunir, no próximo Sínodo, para tratar da reconciliação e da penitência. Acontece que, sem sentido do pecado, já não se compreende a cruz: nem o sacrifício do Calvário, nem o martírio na Igreja, nem a paixão dos crentes.

Cristo não veio para os justos, mas para os pecadores. Ele é o Senhor da história, mas através do mistério da redenção. “Este é o cálice do meu sangue, da nova e eterna Aliança, derramado por vós e por todos para remissão dos pecados”.⁹

9. Oração eucarística

A paixão e a morte de Cristo lembram-nos o abismo enorme que é o pecado: o do homem, o nosso, o dos nossos destinatários.

Ele, o Justo, sofreu e morreu por nós pecadores e deixou à sua Igreja, por todos os séculos, a misteriosa missão salvadora de participar todos os dias na sua cruz.

O simples desejo de sofrer e de morrer poderia denotar um desvio patológico. Mas sentir-se chamados a participar na paixão e morte do Redentor é sublime dom de Deus e tarefa indispensável à salvação do homem.

Para destruir o pecado, o próprio Filho do Pai teve que sofrer e morrer; o seu Espírito habita o corpo de Cristo, que é a Igreja, aperfeiçoando-a num amor que leva ao martírio.

A sublimidade do martírio

“Desde o início — ensina-nos o Concílio Vaticano II — alguns cristãos foram chamados — e alguns sempre são chamados — para dar o supremo testemunho de seu amor diante de todos os homens, mas de modo especial perante os perseguidores. O martírio, por conseguinte — pelo qual o discípulo se assemelha ao Mestre que aceita livremente a morte pela salvação do mundo, e se conforma a Ele na efusão do sangue — é estimado pela Igreja como exímio dom e suprema prova da caridade.”¹⁰

10. *Lumen Gentium* 42

O mártir cristão não pode ser reduzido simplesmente à estatura de um herói. Ele não demonstra somente personalidade, grandeza de espírito, altruísmo.

O mártir é humilde e cheio de amor; não odeia, mas enquanto morre perdoa; não procura nem glória, nem fama; não pretende dar lições de valor, talvez não é sequer corajoso; não proclama ideologias; não se põe como monumento; não é um Sócrates, nem um soldado conhecido ou desconhecido. Com razão se escreveu que o mártir cristão “não morre por uma idéia, por elevada que seja, pela dignidade do homem, pela liberdade, pela solidariedade com os oprimidos (isso tudo pode estar presente e desempenhar um papel), ele morre com Alguém que já morreu anteriormente por ele”.

A sua fé, a sua esperança e a sua caridade levam-no a testemunhar, até ao derramamento do sangue, que para ele “viver é Cristo” e que o Batismo leva a sentir-se “crucificado com Ele”.

Um dos grandes mártires antigos, S. Inácio de Antioquia, exprimiu-o com comovente e apaixonada clareza. Em viagem para Roma porque sentenciado ao martírio, escreveu aos cristãos da cidade, suplicando-lhes que não impedissem

esta sua suprema prova de amor: “Sede bons! Eu sei o que me convém! Começo agora a ser um verdadeiro discípulo... Sede bons irmãos! Não impeçais minha vida, não queirais a minha morte. Não abandoneis ao mundo e às seduções da matéria quem quer ser de Deus; deixai que eu chegue à pura luz... Deixai que eu imite a paixão do meu Deus!”.¹¹

O martírio não é fruto de uma programação pessoal, mas *dom de Deus*, aceito, porém, com liberdade e alegria. Como Jesus que, embora sentindo-lhe a amargura, ofereceu-se “livremente à paixão”.¹²

Todo o segredo do martírio é a disponibilidade ao Pai até à oblação total de si, manifestada na paixão e na morte! A disponibilidade à paixão até à morte é a manifestação suprema da caridade: “Tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até os extremos”;¹³ “ninguém pode dar maior prova de amor do que entregar sua vida por seus amigos”¹⁴. A paixão cruenta de Cristo tornou-se evento litúrgico, sacrifício da Nova Aliança, para construir a Páscoa do mundo.

No Povo de Deus, porém, a efusão do sangue no martírio é, como vimos, um “*dom excepcional*”.

É, todavia, um ideal para todos a disponibilidade de participação na paixão do Senhor. Por isso o Concílio nos lembra que “se a poucos é dado o martírio, todos, porém, devem estar prontos a confessar Cristo perante os homens, segui-lo no caminho da cruz entre perseguições, que nunca faltam à Igreja”.¹⁵

11. S. Inácio aos Romanos 5,3; 6,3

12. Oração Eucarística 2.^a

13. João 13, 1

14. João 15, 13

15. Lumen Gentium 42

O “martírio incruento” na escola de Dom Bosco

Está na linha da participação incruenta na paixão do Senhor que toda espiritualidade tem um seu estilo para o dom de si na oblação.

Na escola de Dom Bosco, esse estilo é marcado pela luz do “da mihi animas”, levada até as extremas conseqüências. Trata-se de uma vida apostólica vivida numa mística de martírio incruento, para uma verdadeira conformação a Cristo no dom total de si para o Reino.

Falando do púlpito da basílica de Maria Auxiliadora, por ocasião da terceira expedição missionária (novembro de 1877), Dom Bosco alude à morte do P. Baccino, afirmando justamente: “Mas os Missionários devem estar preparados para qualquer acontecimento, mesmo para sacrificar a vida a fim de pregar o evangelho de Deus. Até agora, porém, os Salesianos não tiveram que enfrentar graves sacrifícios propriamente ditos ou vexações, com exceção do P. Baccino que morreu: e dizem os que o acompanharam, que morreu vitimado pelo peso das fadigas no campo evangélico, ou como se poderia dizer, *mártir da caridade e sacrifício pelo bem dos outros*. Mas esse missionário trabalhador não nos causou uma perda, mas um ganho, porque neste momento ele é nosso protetor no céu”.¹⁶

Mais tarde o Papa Pio XI, falando de Dom Bosco, ressalta a importância do seu sofrimento, afirmando a respeito dele: “Não há somente o martírio cruento do sangue, mas também o martírio incruento; há até uma infinidade de martírios incruentos através das condições diversas e dos diversos graus da escala social...”.¹⁷

Entre os numerosos martírios incruentos, o característico da escola salesiana é de marca claramente apostólica: “Martírio de caridade e sacrifício pelo bem dos outros”, como diria Dom Bosco.

Nosso Pai sentiu-se chamado pelo Senhor na Igreja a uma vocação de empenho pastoral; media, por isso, a oblação da sua vida por essa intuição primeira: disponibilidade a Deus no “da mihi animas”. Dom Bosco não podia saber

16. *Memórias Biográficas* 13, 315-316

17. *ib* 19, 113

como havia de morrer; sabia, porém, que devia doar-se plenamente ao apostolado até à morte.

Podemos pensar que se inspirava em São Paulo, que, embora considerando um ganho morrer em Cristo, proclamava a sua disponibilidade ao Pai assumindo primeiro, tendo em vista o bem dos outros, o mandato apostólico recebido: “Para mim a vida é Cristo e morrer é lucro. Entretanto, se continuar a viver na carne, posso trabalhar com fruto. Não sei o que escolher . . . (porque) é muito mais útil para vós que eu continue a viver. Nesta convicção, sei que vou ficar e permanecer com todos vós, para vosso progresso e para alegria de vossa fé”.¹⁸

18. *Filipenses* 1, 21-25

Neste sentido são significativas as seguintes palavras de Dom Bosco, colhidas pelo P. Barberis: “Esperemos no Senhor. Neste empreendimento (as missões), nós fazemos como em todos os outros. Toda a nossa confiança deve ser posta em Deus e tudo dEle esperamos; mas ao mesmo tempo empregamos toda a nossa atividade . . . Procurem-se todos os meios possíveis de segurança para não arriscar a vida nas mãos dos selvagens. É verdade que para quem morre mártir, a morte é uma fortuna . . . ; entretanto não se avança na conversão de talvez milhares de almas, as quais se poderiam salvar usando maior precaução”.¹⁹

19. *Memórias Biográficas* 12, 280

O estilo, pois, de oblação de si no apostolado é para Dom Bosco, antes de mais nada, o de um “colossal trabalho” (Pio XI) de apóstolo. Na mesma atividade pastoral há não pouco sofrimento (sofrimentos físicos, morais, espirituais) por milhares de razões diversas. São sofrimentos que atingem também fisicamente a saúde. Nós o constatamos ao longo de toda a sua vida: “Esta manhã Dom Bosco me disse — escrevia o P. Lemoyne ao P. Rua em 1884 — que sua cabeça está muito cansada . . . Em quarenta e oito anos quanto não sofreu! Este deveria ser um argumento a ser pregado a todos, grandes e

20. *ib* 17, 89

pequenos, pois lamentavelmente nele não se pensa”.²⁰

Tais sofrimentos são aceitos e iluminados pelo ardor apostólico; encontram sua verdadeira explicação de “oferta livre à paixão” no “da mihi animas”; fazem-nos compreender bem concretamente em que sentido Dom Bosco dizia: “Quando acontecer que um Salesiano venha a sucumbir e *deixe de viver trabalhando pelas almas*, então direis que a nossa Congregação conquistou uma grande vitória e sobre ela descerão copiosas as bênçãos do Céu”.²¹

21. *ib* 17, 273; 7, 487

É este o sentido com que o nosso Fundador qualificou, como vimos, a paixão incruenta como “martírio de caridade e sacrifício pelo bem dos outros”.

Essa ótica apostólica de caridade para o bem dos outros caracteriza também a própria paixão cruenta dos nossos dois mártires espancados e trucidados porque ativos apóstolos cristãos e, em particular, pela defesa da dignidade humana e da virtude de três jovens chinesas. Dom Versiglia e o P. Caravario atingiram sua suprema capacidade de paixão cruenta no nosso espírito característico. Sabemos até que Dom Versiglia previu o termo da sua vocação salesiana e missionária, segundo o sonho profético de Dom Bosco, quando disse ao P. Sante Garelli: “Tu me trazes o cálice visto pelo Pai: cabe a mim enchê-lo de sangue”!

A valorização apostólica de todo o sofrimento

No estilo de paixão incruenta aceita e vivida na mística do “da mihi animas”, peculiar de Dom Bosco, entram também os sofrimentos próprios dos males e enfermidades, da invalidez, da velhice, da agonia e da morte natural: suportar tudo por amor de Cristo em vista da salvação das almas, pela expiação dos pecados nossos

e delas, pela eficácia do trabalho apostólico dos irmãos, das irmãs, dos colaboradores no empenho pastoral que nos foi confiado.

Dom Bosco, já entrado em anos e atormentado por achaques, assim se manifestou, em agosto de 1885, falando às jovens Filhas de Maria Auxiliadora em Nizza Monferrato: “Eu vos vejo em boa idade, e desejo que possais ficar velhas, sem, porém, os incômodos da velhice. Sempre acreditei que a gente podia ficar velha, sem ter muitos incômodos; mas compreende-se bem que essa idade é inseparável deles; os anos passam e os achaques da velhice vão vindo; tomemo-los como a nossa cruz... a cruz que o Senhor envia e que, geralmente, contraria a nossa vontade e não falta nunca nesta vida, especialmente para vós, Mestras e Diretoras, que estais particularmente *ocupadas também com a salvação dos outros*. Esta tribulação, ... esta doença... quero suportá-la alegremente e de boa vontade, porque é justamente a cruz que Nosso Senhor me manda”.²²

22. *ib* 17, 555

Além disso, como nos garante o P. Pedro Ricaldone, “Dom Bosco fazia próprio o pensamento de Santa Teresa e repetia que *‘os doentes atraem as bênçãos de Deus sobre a Casa’*. Ele, de sua parte, tinha solitudes e ternuras delicadas para com seus filhos doentes”.²³

23. RICALDONE, *Fidelidade a Dom Bosco santo*, ACS 1936, n. 74

Os irmãos doentes são, para ele, uma espécie de mediação pascal, para alcançar muitas bênçãos do Senhor para o empenho apostólico da comunidade.

Os sofrimentos aceitos no espírito do “da mihi animas”, não marginalizam o irmão da frente pastoral dos demais; antes, colocam-no numa trincheira mais avançada e encarregam-no de um papel próprio. A nossa espiritualidade da ação não nos ensina a rodear a dor, a sobrevoá-la, a eliminá-la; mas aceita-a e inverte-lhe o significado, transformando-a em potencial de salvação.

Tem assim um valor apostólico próprio, e não pequeno, também o sofrimento vivido como participação no mistério pascal de Cristo. Para além de certa tristeza explicável (também Jesus sentiu-se triste até à morte) vibra a alegria profunda de sentir-se participante da missão redentora do salvador.

“Falar de alegria a vós, queridos doentes — dizia algumas semanas faz o Papa — pode parecer estranho e contraditório; entretanto está justamente nisso o impressionante valor da mensagem cristã... É uma alegria interior, misteriosa, por vezes sulcada de lágrimas, mas sempre viva, porque nasce da certeza do amor de Deus, que é sempre Pai, também nas circunstâncias dolorosas e adversas da vida, e do valor meritório e eterno de toda a existência humana, especialmente da atribulada e sem satisfações humanas”.²⁴

24. Alocução de João Paulo II à U.N.T.A.L.S.I. Oss. Rom. 13-2-1983

O segredo de uma atitude tão paradoxal não pode ser outro senão o mistério da paixão de Cristo. Justamente, na conclusão do Vaticano II, os Padres conciliares afirmaram numa de suas mensagens: “Cristo não suprimiu o sofrimento; não quis sequer revelar-lhe inteiramente o mistério: tomou-o sobre Si e isso basta para que lhe compreendamos todo o valor”.²⁵

25. Mensagem “Aos pobres, aos doentes, a todos os que sofrem”, 8 de dezembro de 1965

Podemos também acrescentar que a fé cristã nos ajuda a fazer do sofrimento uma pedagogia de amadurecimento humano; com ele aperfeiçoa-se o coração, tornamo-nos mais humildes, mais sábios, mais conscientes da transcendência do verdadeiro amor; o homem sem sofrimento corre o risco de ser menos humano. O homem perfeito, de fato, é Cristo, crucificado e ressuscitado!

Cuidado, gratidão e afeto para com os irmãos inválidos e sofredores

Caríssimos todos e vós especialmente, queridos irmãos inválidos e sofredores, que a bea-

tificação dos nossos primeiros dois mártires sirva para que repensemos e valorizemos as misteriosas riquezas da paixão cristã.

A fé nos ensina que nunca “se aposenta” quem recebeu do Senhor um mandato apostólico. Não existe o “salesiano em repouso”. Nenhum irmão pode sentir-se jamais “marginalizado da nossa missão”.

Vós, doentes e atribulados, inválidos e agonizantes, “sois — como diziam os Padres conciliares — os irmãos de Cristo sofredor; e com Ele, se quiserdes, vós salvais o mundo! . . . Sabei que não estais sós, nem separados, nem abandonados, nem sois inúteis: vós sois chamados por Cristo, sua imagem viva e transparente.

Em Seu nome, (a Congregação) vos saúda com amor, vos agradece, vos garante a amizade e a assistência da Igreja e vos abençoa”.²⁶

26. ib

Vós recordais a todos que ninguém se torna santo sem sua parte própria de cruz, e que entre paixão e missão há um nexó íntimo e indissolúvel.

Olhemos todos para Jesus. Juntos aprendamos dele que a sinceridade da filiação ao Pai chega à oblação de si até à morte: “Isto é o meu corpo que é dado por vós; este é o meu sangue derramado por vós para o perdão dos pecados!”.

O sofrimento faz parte da nossa missão; é até um elemento precioso e eficaz dela.

Há tanto mal por expiar: o nosso pecado e o dos nossos destinatários. Há tantas sementes de bem por regar: com o cálice da Nova Aliança. Há um potencial de graça por impetrar: com a mediação do mistério pascal. A caridade que sofre é um tesouro a ser conservado com cuidado: não deve nunca faltar entre nós.

Pascal soube formular uma profunda “Oração para o bom uso das doenças”; o Papa nos convida a meditar sua súplica: “Fazei, ó meu

Deus, que eu adore em silêncio a ordem da vossa providência adorável sobre o governo da vida... Fazei-me a graça de unir aos meus sofrimentos as vossas consolações, a fim de que eu sofra como cristão... Peço, Senhor, experimentar juntamente as dores da natureza por causa dos meus pecados e as consolações do vosso Espírito, como efeito da vossa graça...".²⁷

27. Osservatore Romano
13-2-1983

A todos os irmãos, queria lembrar que a meditação sobre estes valores apostólicos da paixão deve mover-nos, como nos ensina uma tradição já secular de família, a cuidar dos irmãos doentes e sofredores com a mais delicada caridade e bondade.

A escola de Dom Bosco "aprendamos a usar para com o irmão doente — é ainda o P. Ricaldone que escreve — as atenções, delicadezas que quereríamos fossem usadas para conosco. A boa palavra, um sinal de interesse e afeto, os votos, a promessa de orações oh! como são agradáveis e confortadoras essas manifestações de fraterno afeto para o coração de quem sofre!

Sobretudo não se dê sequer o mais remoto pretexto para supor, não digo com palavras, mas até com esquecimentos, friezas ou indelicadezas, que o doente possa ser de peso; e menos ainda se discuta para confiá-los a outros...

Quando o P. Alasonatti ficou doente, Dom Bosco não tinha mais paz; e fazia de tudo para restituir-lhe a saúde de antes; e onde quer que estivesse, com o pensamento estava perto dele... Eis aí o coração de Dom Bosco!"²⁸

28. RICALDONE, Fidelidade a Dom Bosco santo, ACS 1936, n. 74

Que estas reflexões, sugeridas pelo martírio de Dom Versiglia e P. Caravario, nos ajudem a aprofundar a densidade da nossa espiritualidade apostólica para descobrir nela a importância e a fecundidade da paixão.

Somos chamados ao compromisso apostólico no caminho de Cristo. Maria acompanha-nos no caminho, ela que fez consistir toda a pleni-

tude do seu amor na disponibilidade: “Eis, eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua vontade”!

Peçamos aos dois irmãos mártires que na Congregação e em toda a Família Salesiana se conheça e aprecie sempre melhor a mística do “da mihi animas” até às suas últimas consequências: “com o suor, com as lágrimas e com o sangue!”.

Para todos votos de Boa Páscoa!

Na alegria da beatificação dos nossos primeiros dois mártires,

P. Fidelis Vigaró

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Dia 13 de dezembro de 1982, o Reitor-Mor presidiu a cerimônia da promulgação dos Estatutos renovados e dos Ordenamentos da nova Universidade eclesiástica. O comentário encontra-se na seção documentos. Em 16 do mesmo mês, partiu para Portugal, onde manteve quatro dias de encontros de animação em Lisboa, Porto, Vilarinho e Mogofores com os irmãos, as Filhas de Maria Auxiliadora e a Família Salesiana.

Após breve permanência em Roma, tornou a partir em 23 de dezembro. Desta vez para Israel e Egito, a fim de visitar a benemérita e sofrida Inspeção do Oriente Médio. Celebrou o Santo Natal em Belém, com o desejo de representar todos os irmãos e a Família Salesiana. Iniciou o novo ano na África, no Cairo e em Alexandria, onde admirou o importante trabalho que se está fazendo também entre a juventude muçulmana e animou todos a superarem-se com generosidade e iniciativas inteligentemente missionárias.

Ausentou-se outra vez de 29 de janeiro a 2 de fevereiro: comemoração de Dom Bosco em Sondrio; celebração da festa do nosso Pai em Valdocco; participação no 85.º da presença salesiana em Pavia, onde apresentou às autoridades civis, universitárias e eclesiásticas a contribuição característica à promoção humana dada por Dom Bosco e pelos seus filhos no mundo.

Designado pelo Santo Padre como um dos dez membros reli-

giosos para o próximo Sínodo dos Bispos, participou em várias reuniões preparatórias.

4.2 O Vice-Reitor-Mor

O P. Caetano SCRIVO partiu, em 10 de novembro de 1982, para o Extremo Oriente. Sua primeira etapa foi a Tailândia.

Depois de um primeiro contato com as comunidades de Bangkok e as comunidades formativas, presidiu, de 14 a 19 de novembro, uma reunião dos Diretores das Inspeções da Tailândia, China, Japão, Filipinas e da Delegação da Coreia.

Objetivo da reunião — realizada na nossa Casa para exercícios espirituais em Hua Hin — foi a apresentação e o estudo do novo “Manual do Diretor”.

Entrou em contato com os Reguladores dos Capítulos dessas Inspeções, para esclarecimentos e troca de idéias sobre os subsídios enviados pelo Regulador do Capítulo Geral.

Foi em seguida à Índia onde, de 21 a 30 de novembro, presidiu duas reuniões análogas: uma em Calcutá para os Diretores das Inspeções de Calcutá, Gauhati e Dimapur; outra em Madrastra para os Diretores das Inspeções de Madrastra, Bangalore e Bombaim.

Na volta visitou as comunidades de Goa e encontrou-se com os irmãos das Casas de Bombaim, para com eles celebrar a festa de S. Francisco Xavier, padroeiro da Inspeção.

4.3 Atividades dos Conselheiros

O Conselheiro para a Formação do Pessoal Salesiano

O P. Paulo NATALI e sua equipe empenharam-se nas seguintes atividades:

- exame dos Diretórios inspetoriais (chegados em número considerável) para uma avaliação atenta e a aprovação do Conselho Superior;

- cursos para os Diretores da Itália sobre o ministério de animação e de governo da comunidade local;

- encontro de orientação e verificação para os Encarregados dos cursos e das iniciativas de formação a nível de regiões salesianas;

- avaliação do fenômeno dos “abandonados” até 31-12-1981 com base no levantamento estatístico da Secretaria Geral.

Em andamento os levantamentos de 1982 e a compilação do “Manual do Inspetor”.

O Conselheiro para a Família Salesiana

Apresentamos mais adiante a relação do P. João RAINERI, na seção “Documentos e Notícias”.

O Conselheiro para as Missões

O P. Bernardo TOHILL, desenvolvendo seu plano de encontrar-se durante o sexênio com os irmãos de todas as missões salesianas, visitou neste período as missões das três Inspetorias do Nordeste da Índia. Voltou a Roma dia 4 de dezembro, sem entretanto fazer visita programada à Birmânia.

Dia 18 de dezembro, partiu para a África Oriental, onde, até 23 de janeiro, pôde visitar os novos

centros constituídos em Nairobi, Marsabit, Korr e Siakago no Quênia; em Dar-es-Salaam, Dodoma, Iringa e Mafinga na Tanzânia; em Juba e em Tonj no Sudão Meridional. Encontrou os irmãos muito empenhados no trabalho, grandemente estimados pelas autoridades eclesíásticas e pelos seus colegas missionários e muito benquistos pelas comunidades a eles confiadas.

A necessidade de pessoal nas missões visitadas é urgentíssima; alguns convites, muito atraentes até, para aceitar novas obras devem infelizmente ser rejeitados.

Os dias mais sofridos nessa viagem foram sem dúvida as quase duas semanas passadas no Sudão. No n. 292 dos “Atos do Conselho Superior” falara longamente da primeira visita ao Sudão. O que escreveu naquela circunstância vale também para o presente. Deixando outras referências, quis repetir somente que “o campo de missão se apresenta aqui extremamente difícil e ao mesmo tempo de excepcional urgência... O país é pobre para além de quanto se possa imaginar; domina o analfabetismo; a população sofre doenças; ao mesmo tempo existe grande expectativa pela obra dos missionários. Os que irão enfrentar essa empresa — escrevia — deverão estar animados de grande amor e zelo pelos pobres, de robusta capacidade de renunciar e suportar, mas poderão estar certos de encontrar entre a população entusiástica acolhida e disponívelidade”.

Os quatro irmãos que trabalham no Sudão aguardam reforços, e nós os estamos procurando. Mas, não conhecendo missões que requerem maior espírito de sacrifício, mais zelo e — por que não dizê-lo — mais heroísmo, aviso desde agora os futuros candidatos, que ao Sudão se vai somente por amor às almas e pela glória de Deus e

com a perspectiva de enfrentar duros sacrifícios. Conforto único mas decisivo será a cordialidade com que será acolhida a mensagem evangélica.

O Conselheiro Regional para a América Latina — Atlântico

Sua principal atividade no 2.º semestre de 1982 foi a Visita Canônica Extraordinária às Inspetoriais, dos problemas que dizem 1.º de outubro de 1982) e de Bahía Blanca (de 5 de outubro de 1982 a 3 de janeiro de 1983). A Visita da Inspetoria do Paraguai, por decisão do Reitor-Mor, foi feita com particular zelo e entusiasmo missionário pelo P. Antônio Mérida.

Como atividades mais importantes do Conselheiro Regional deve-se assinalar a presidência da reunião da Conferência Inspetorial do Brasil em Manaus (de 3 a 5 de agosto de 1982) e a da Conferência Inspetorial do Prata em San Miguel de Buenos Aires (de 29 de agosto a 1.º de setembro de 1982). Em ambas as reuniões falou-se da preparação dos Capítulos Inspetoriais, dos problemas que dizem respeito à escola salesiana, da missão salesiana em Angola, entre outros temas. Na reunião da Conferência Brasileira tratou-se especialmente do Centenário da chegada dos Salesianos ao Brasil e da próxima vinda do Reitor-Mor.

Outros encontros significativos do Conselheiro Regional foram os mantidos com os participantes do Curso de Formação Permanente de Ramos Mejía (12-14 de agosto de 1982) e com a equipe responsável (6 de janeiro de 1983);

com o Inspetor e Conselho Inspetorial de Manaus (31 de julho de 1982) e de Rosario (4 de outubro de 1982);

com os novos missionários da Região destinados a Angola (em Ramos Mejía, 1.º de setembro de 1982; e São Paulo, 12 de dezembro de 1982);

com os capitulares, na abertura dos Capítulos Inspetoriais de Bahía Blanca (3 de janeiro de 1983) e de São Paulo (16 de janeiro de 1983).

O P. Walter BINI sente-se na obrigação de agradecer de coração a quantos rezaram por ele durante sua doença na Argentina, no mês de novembro passado; agradece de maneira particular ao Inspetor, aos irmãos da Inspetoria de Bahía Blanca, aos irmãos das comunidades de General Roca e de Stefenelli, a fraterna assistência durante aqueles dias.

O Conselheiro Regional para a Itália e o Oriente Médio

Junho e julho, no Conselho. Com a possibilidade de uma presença na Região: em L'Aquila, abertura do Congresso Nacional sobre a Animação (fim de junho), em Roma-PAS, encontro com os diretores de estudo salesianos (inícios de julho), em Roma-Pisana, Presidência da CISI (24-26 de julho).

Dia 6 de Agosto o P. Luís BOSONI tem a alegria de assistir à Missa celebrada na nossa Paróquia de Castel Gandolfo por S. S. João Paulo II, por ocasião do aniversário da morte de Paulo VI.

Dia 18 de agosto parte para Madagáscar e Quênia, a fim de visitar os irmãos havia pouco chegados da Itália de acordo com o Projeto África. O programa previa a chegada a Madagáscar em tempo para a pregação dos Exercícios Espirituais aos irmãos reunidos na capital, depois do curso de língua. Dificuldades burocráticas retardada-

ram o visto e só pôde chegar para o fim do Retiro e para a Profissão Religiosa (a primeira em terra Malgaxe) do tirocinante Mario Steri.

Os irmãos de Madagascar são 12, de quatro Inspetorias. O P. Bosoni pôde estar com todos durante alguns dias e depois acompanhá-los à própria sede.

Esteve, pois, em Bemanewiky, onde trabalham três salesianos da Inspetoria Meridional (Paróquia e Distrito Missionário). Não foi possível colocar no programa a visita a Majunga, onde dois Salesianos da Vêneta São Marcos preparam a organização de um Centro Profissional.

No Sul da Ilha, trabalham quatro sacerdotes da Inspetoria Sícula com Paróquia na cidade (Tulear) e Distrito Missionário (Ankililoka). O programa previa a visita, mas dificuldades de comunicação impediram-na. O Regional ficou, pois, com os irmãos da Inspetoria Romana (um padre, um clérigo e um coadjutor) que trabalham em Ijely.

Na Capital pôde falar com o Nuncio, visitar o Cardeal de Antananarivo, encontrar-se com muitos Bispos do País. Pôde constatar a necessidade e o pedido insistente de presença salesiana, o bom acolhimento dos Religiosos locais, sem os quais seria muito difícil qualquer deslocação, a devoção desse país a Dom Bosco ainda antes da nossa chegada, o entusiasmo dos Salesianos, os progressos feitos por eles no uso da língua, a vontade de formar comunidades que se tornem proposta vocacional.

De Madagascar, em 1.º de setembro, partiu para o Quênia, acolhido com extrema gentileza pela comunidade salesiana de Nairobi,

onde se achavam muitos Salesianos indianos, destinados ao Sudão, Quênia e Tanzânia.

Em Siakago encontra a comunidade salesiana enviada pela Inspetoria Central, constata a muito feliz colocação dela, ouve seus projetos de expansão. Volta, então, a Nairobi, donde parte de volta a Roma (4 de setembro).

Na Pisana encontram-se reunidos os irmãos que se estão preparando para a Profissão Perpétua. Celebra com eles e conta-lhes a viagem.

Em 8 de setembro, em Pinerolo, assiste à primeira Profissão dos Noviços. Dia 9 está em Ancona e depois em Loreto, onde encontra Diretores, Párcos, Salesianos empenhados na Escola, Oratórios e Paróquias salesianas. Dia 12 está em Roma para a Profissão Perpétua e dia 18 encontra-se com a Secretaria CISI.

Dia 20 de setembro inicia a Visita Extraordinária à Inspetoria Novarense-Helvética, começando pela Suíça: Lugano, Zurich-Basileia, Maroggia (20-30 de setembro).

Interrompe a Visita e, passando por Treviglio e Chiari, chega a Nave, para a abertura do ano acadêmico (2 de outubro). Pela tarde assiste em Brescia à Ordenação Presbiteral de quatro irmãos, dois dos quais destinados à Etiópia. Era Bispo celebrante o mesmo que acolheria na África os dois neo-sacerdotes. Dia 3 de outubro, pela manhã, celebra em Sesto San Giovanni, numa igreja sucursal da nossa Paróquia, e depois benze a primeira pedra da futura igreja paroquial.

De tarde, em Turim-Basilica de Maria Auxiliadora, preside em nome do Reitor-Mor, empenhado em longa viagem missionária, a 112.º

Expedição Missionária. Dia 4 de outubro, em Turim-Crocetta, celebra a Missa de introdução do Ano Acadêmico, visita o Colle Don Bosco, chega pela tarde a Pinerolo, onde no dia seguinte celebra para os noviços e entretém-se com eles.

Na tarde de 5 de outubro chega a Gênova-Sampierdarena, onde fala aos irmãos. No dia seguinte visita Savona, Vallecrosia, Allassio, para voltar a Gênova pela tarde, onde está previsto para o dia 7 o encontro com os Diretores. Visita Varazze e no dia seguinte parte para Roma e depois para Bari para estar, dia 9, na Abadia Beneditina de Noci, para os Exercícios Espirituais com os Inspetores da Região.

Dia 23 de outubro, passando por Molfetta, volta a Roma, onde inicia o encontro dos Conselhos Inspetoriais e dos Reguladores dos Capítulos. 16 e 17 são destinados à Assembléia CISI.

A partir de 19 de outubro retoma a Visita Extraordinária a Novarense (Nizza, Asti, Alessandria, Borgo S. M.). Interrompe de novo para participar em Roma no Congresso dos Jovens Cooperadores (31 de outubro), e depois em Zurich para a Conferência dos problemas Salesianos Suíços (2 de novembro).

De 3 de novembro em diante, a visita a Borgo S. Martino, Casale, Trino, Vercelli, Muzzano, Biella, Vigliano, Intra. Em 2 de dezembro está novamente em Roma para o Encontro de todos os Diretores da Região, no qual é apresentado o novo Manual do Diretor (três turnos sucessivos: 2-6, 9-12, 16-19). Na Festa da Imaculada, aproveita a ocasião para visitar os noviços de Lanuvio e os jovens irmãos de Roma-S. Tarcísio.

De 19 a 25 de dezembro retoma a Visita a Borgomanero e em 27 preside a Liturgia de abertura da segunda sessão do Capítulo da Inspetoria Novarense-Helvética. No novo ano de 1983, está em Roma: participa no Congresso da UPS sobre a educação moral e de 3 a 5 de janeiro preside a reunião dos Inspetores (Presidência CICI). Em 6 encontra-se com o Departamento Nacional para a Evangelização, Catequese e Liturgia, e em 7 com o das Paróquias e Oratórios.

Volta então a Novara, onde de 8 a 22 de janeiro encerra a Visita Extraordinária. A partir de 23, participa em Roma na Semana de Espiritualidade da Família Salesiana e retoma a vida de Conselho. Na festa de Dom Bosco celebra em San Callisto e em 12-13 de fevereiro participa em L'Aquila na inauguração de um monumento a Dom Bosco e na Festa do Santo.

O Conselheiro Regional do Pacífico-Caribe

A atividade principal do P. Sérgio CUEVAS, nesse período, foi dedicada à Visita Canônica à Inspetoria da América Central. Já havia iniciado essa visita em maio, entrando em contato com as Casas salesianas na República do Panamá, e com sua presença missionária em Veraguas no interior do país. Ao mesmo tempo iniciava a visita em Nicarágua. Em julho retomava esta visita que depois continuou nas repúblicas de Costa Rica, Honduras, El Salvador e Guatemala. A visita prolongou-se até 20 de novembro.

Enquanto atendia a essa tarefa, houve de interromper o programa da visita para ir a outras Inspetorias da Região; assim, em agosto (de 7 a 15), toma parte no encontro sobre Pastoral Escolar, juntamente com o P. Vecchi, em Cum-bayá (Quito), Equador.

Voltando depois à Inspetoria centro-americana, estourou a crise do governo nicaraguense contra a Igreja e contra os Salesianos (16-26 de agosto): juntamente com o Inspetor P. Di Pietro, teve que intervir junto às autoridades do governo, procurando uma solução para o conflito. Foram numerosos os encontros com os bispos, educadores, organizações dos direitos humanos, dos pais dos alunos das escolas particulares, e organizações populares, que demonstraram grande solidariedade e apoio à presença e trabalho dos Salesianos. O diálogo entre os superiores salesianos e as autoridades e representantes do governo sandinista durou dez dias, chegando finalmente a um acordo entre as duas partes. Segundo o acordo foram levantadas as acusações feitas pelo governo contra os Salesianos; o colégio e a Casa da comunidade foram restituídos e os irmãos podiam continuar o trabalho educativo, promocional e apostólico em beneficio da juventude de Masaya e das populações indígenas Morumbó. Foi um momento de prova e sofrimento para a Igreja, especialmente para Dom Obando e para toda a Inspetoria da América Central. O decreto de expulsão para todos os irmãos (nunca executado), os ataques, as críticas, as ofensas às pessoas e o afastamento obrigado do diretor da obra de Masaya, P. Moratalla, nos beneficiaram, purificaram e fizeram ver o valor da nossa vocação salesiana como força e empenho que vem de Deus e nos dá a coragem de continuar, na fidelidade, no serviço dos jovens e do povo sofredor, pobre e desejoso de verdadeira libertação evangélica. Por isso tudo, agradecemos a Nosso Senhor, N. S.^a Auxiliadora e Dom Bosco.

Depois o Regional foi visitar as comunidades e obras salesianas na

República Popular de Cuba (de 16 a 23 de setembro). Pelo fim de setembro participava nos Exercícios Espirituais dos Inspetores da Região, no México, em Cuernavaca. Depois continuava com o encontro de estudo juntamente com os Inspetores (28 de setembro — 7 de outubro), para terminar sua permanência visitando as Comunidades Formadoras das Inspetorias de Guadaluajara e de México Sul.

De 8 de outubro até 13, tomava parte no Congresso Latino-Americano dos Ex-alunos de Dom Bosco em Lima, Peru. O tema do Congresso: "A Família à luz dos documentos do Sínodo dos Bispos", reuniu mais de 200 representantes das Federações dos Ex-alunos da América Latina, juntamente com seus delegados e dirigentes.

O itinerário no Peru levou-o às comunidades missionárias que a Inspetoria promove em meio ao povo quechua, nas localidades de Calca, Yuca, Amparaes y Quebrada Honda (de recente criação) (14-23 de outubro). De 24 a 30 de outubro presidia o Seminário regional sobre Catequese e os meios de comunicação social em Santiago, Chile. Participavam dele uns cinquenta irmãos e Filhas de Maria Auxiliadora.

A parte final da Visita Canônica foi dedicada à pregação dos Exercícios Espirituais para os participantes no capítulo inspetorial: mais adiante o visitador encontrou-se com a comissão inspetorial para a Formação, e finalmente com o Inspetor e o Conselho inspetorial da América Central.

Terminada a Visita Canônica, o P. Cuevas tomou contato com as Comunidades Formadoras da Colômbia, em Bogotá e em Medellín. Depois, continuando o itinerário marcado, encontrou-se com o Con-

selho inspetorial das Antilhas, em Santo Domingo, e para continuar a visita nas comunidades do aspirantado em Jarabacoa, do Pré-noviado em Haina e do pós-noviado em Villa Mella (Santo Domingo). Mais adiante fez visita de animação às comunidades de Haiti (aspirantado e pré-noviado) e de Porto Rico (aspirantado e pré-noviado).

Pela metade de dezembro dirigia-se à Bolívia para o encontro com o Inspetor e o Conselho inspetorial, em La Paz. De 21 a 28 de dezembro, o Regional achava-se em Santiago, Chile, para visitar as comunidades de Santiago e para o encontro com o Inspetor e o seu Conselho.

Dia 30 de dezembro voltava a Roma e, depois de alguns dias, partiu para a Alemanha a fim de entrar em contato com as fundações e agências de ajuda internacional, que dão notável contribuição financeira às nossas obras da América Latina, especialmente na região Pacífico-Caribe. Dia 20 de janeiro retornava a Roma.

O Conselheiro Regional para a Ásia

O P. Thomas PANAKEZHAM presidiu a Conferência Inspetorial Indiana em 6-7 de agosto de 1982. Entre os vários argumentos tratados, como a distribuição dos Estados da República Indiana entre as Inspeorias Indianas, um Centro de espiritualidade na Ásia, o Projeto África etc., a Conferência decidiu tornar a presença Indiana na África como uma Delegação dependente da Inspeoria de Bombaim.

De 8 de agosto a 27 de setembro, o P. Panakezhm fez a Visita Canônica extraordinária à jovem Inspeoria de Bangalore. Depois acompanhou o Reitor-Mor na sua visita

a Papua-Nova Guiné, Filipinas e Sri Lanka, de 4 a 20 de outubro.

Em 21 de outubro começou a Visita extraordinária à Inspeoria de Hong Kong com as suas comunidades salesianas em Macau, Taiwan e Hong Kong. Durante a visita, o regional participou por 5 dias numa reunião para os Diretores do Extremo Oriente realizada em Hua Hin (Tailândia). Achavam-se presentes também os Inspetores e moderadores dos Capítulos Inspeoriais.

O Conselheiro para a Região Ibérica

No mês de agosto, o P. José Antônio RICO tomou parte no curso para Diretores da Região Ibérica, celebrado em Cuenca durante treze dias, para a apresentação e estudo do "Manual do Diretor", com a participação de uns sessenta Diretores.

Fez, depois, a Visita extraordinária à Inspeoria do Chile, de agosto a novembro. Pôde constatar o desenvolvimento da Obra Salesiana naquele País, com 230 Salesianos e 23 Comunidades; o crescimento das vocações (18 noviços); a consolidação da Família Salesiana, especialmente dos Cooperadores; e a dedicação dos irmãos à juventude pobre, com grande generosidade e solidariedade. Nos grupos juvenis salesianos é grande o entusiasmo por Dom Bosco, não só nos sentimentos, mas também na colaboração apostólica em favor dos meninos e da catequese.

Na volta, fez breve visita às Inspeorias do Paraguai e da Bolívia (nessa Inspeoria teve ocasião de falar a muitos irmãos sobre argumentos salesianos). Depois esteve quatro dias no México, especialmente para animar o nascente Aspirantado para Coadjuutores, que

conta agora 48 aspirantes; e assistiu à bênção da primeira pedra do futuro Aspirantado de Coadjuutores, para 150 aspirantes, em Querétaro.

Em Fátima, Portugal, presidiu a Conferência Inspetorial Ibérica, nos dias 4-6 de dezembro. Por dois dias participou na reunião dos Diretores de Portugal para fazer-lhes conhecer o "Manual do Diretor" em todas as suas partes. Fez em seguida breve visita às Casas de aspirantes e às Comunidades Formadoras, até chegar ao Reitor-Mor, ao qual acompanhou nos quatro dias que esteve naquela nação. Na Espanha, finalmente, inaugurou o Capítulo Inspetorial de Madri com um retiro, pregou Exercícios Espirituais aos noviços de Mohernando e apresentou o "Manual do Diretor" aos Diretores da Inspetoria de Madri.

**O Conselheiro para a Europa
Centro-Norte e a África Central**

Após haver tomado parte nos colóquios salesianos, em Cison de Valmarino, no fim de agosto de 1982, o P. Roger VANSEVEREN foi à Jugoslávia, fazendo antes breve visita a algumas Casas da Inspetoria de Ljubljana. Acompanhou o Reitor-Mor durante a sua visita à Inspetoria de Zagreb, por ocasião do 60.º aniversário da presença salesiana na Croácia.

Logo depois presidiu em Colônia a Conferência inspetorial de língua alemã. Na mesma Casa inspetorial de Colônia participou no encontro dos Inspetores e dos Reguladores dos Capítulos Inspetoriais das Inspetorias da Áustria, Bélgica-Norte, Alemanha-Norte, Alemanha-Sul e Holanda, no qual o Regulador do CG22, P. Juan Vecchi, tratou do Capítulo.

Em Lião participou com o P. Vecchi do encontro dos Inspetores e Reguladores das Inspetorias da África Central, França-Norte, França-Sul e Bélgica-Sul; tratou-se nele do mesmo argumento do CG22.

De 27 de setembro a 24 de novembro de 1982, fez a Visita Canônica extraordinária à Inspetoria Austríaca e teve ocasião de encontrar-se com irmãos da Europa do Leste.

Finalmente, após breve estada em Roma, foi à Alemanha, Holanda, Bélgica e Suíça, onde se encontrou com os Inspetores e com alguns Conselhos inspetoriais, e fez também breve visita às Casas de formação das mesmas Inspetorias e à Casa de Sion.

**O Conselheiro para a
Região de língua inglesa**

No período de julho de 1982 a janeiro de 1983, o Conselheiro Regional, P. George WILLIAMS, passou a primeira parte acompanhando o Reitor-Mor nas primeiras etapas de sua volta ao mundo, até à Austrália. Assistiu assim às visitas feitas pelo Reitor-Mor às Casas de Tampa e Marrero, na Inspetoria de New Rochelle, e à reunião com os irmãos em Richmond (San Francisco), facilitando o contato do Reitor-Mor com os irmãos mediante apropriadas traduções.

O giro prosseguiu com uma visita às novas obras da Congregação em Samoa, com encontros com Sua Eminência o Cardeal Pio Taofinu'u e o seu Bispo Auxiliar, e depois com uma visita às Casas da Austrália.

Após a partida do Reitor-Mor de Sydney para Papua-Nova Guiné e para as Filipinas, o P. Williams permaneceu na Austrália por mais

dez dias, a fim de participar nas celebrações de 25 anos da nossa obra em Port Pirie, a única Casa que o Reitor-Mor não pôde incluir no seu programa, e para tratar mais a fundo diversos problemas com o Conselho Insuperiorial.

Da Austrália, o Conselheiro Regional passou à África do Sul, onde visitou as diversas comunidades para ajudar os irmãos na preparação do Capítulo Insuperiorial, antes de retornar a Roma, em novembro.

Com o mesmo escopo, isto é, para ajudar as outras Insuperiorias da Região na preparação dos Capítulos Insuperioriais, fez também uma segunda viagem, passando pelas Insuperiorias de Oxford, Dublin, New Rochelle e San Francisco, estudando diversos problemas com os Insuperiores ou os membros dos Conselhos Insuperioriais.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polónia

O P. Agostinho DZIEDZIEL dedicou a maior parte do tempo entre agosto e meados de janeiro à Visita extraordinária, feita em nome do Reitor-Mor, à Insuperioria de São João Bosco com sede em Wrocław, na Polónia. A Insuperioria, embora não seja muito vasta territorialmente, conta com 15 Casas canonicamente eretas, às quais pertencem 46 paróquias, quatro reitorados e 8 vicariatos autónomos: com 101 igrejas paroquiais ou filiais e 47 capelas públicas. A Insuperioria realiza, dessa maneira, um trabalho pastoral prevalentemente paroquial, acentuando a especificidade salesiana juvenil.

A visita foi interrompida de 20 de setembro a 20 de novembro. Nesse tempo o Visitador acompanhou 12 missionários poloneses (11 sacerdotes e um clérigo) primeiro a Roma para o curso missionário, em seguida a Turim para

participar na 112.ª expedição missionária, e depois a Zâmbia para começar a missão naquele País. Em Zâmbia visitou o Nuncio Apostólico Dom Georg Zür, os Bispos das dioceses a que foram destinados os missionários poloneses e as missões onde irão trabalhar. Os missionários foram distribuídos assim: 3 sacerdotes e 1 clérigo para a Missão em Luwingu, na Arquidiocese de Kasama; 3 sacerdotes para a Missão Kasembe, na Diocese de Mansa; 3 sacerdotes para a Missão de Chingola, na Diocese de Ndola e 2 sacerdotes para o Campo Meheba, para os fugitivos angolanos, na Diocese de Solwezi. Além disso tomou conhecimento das propostas para a primeira expedição das Filhas de Maria Auxiliadora da Polónia para Zâmbia e de outros projetos para os Salesianos. Depois visitou também os irmãos poloneses missionários no Zaire.

De volta a Roma, em 5 de novembro, apresentou breve relação de sua viagem à África aos Superiores presentes na sede e apresentou à Madre Vigária Letón Maria del Pilar as propostas missionárias em Zâmbia para as Filhas de Maria Auxiliadora da Polónia.

Em 8 de novembro acompanhou o P. Paulo Natali na sua viagem à Polónia, para visitar as Comunidades Formadoras das 4 Insuperiorias Polonesas e para presidir os encontros dos formadores e depois dos Diretores de todas aquelas Insuperiorias, em Lutomiersk. A visita do P. Natali terminou em 18 de novembro.

De 19 a 22 de novembro, o P. Dzedziel presidiu a 2.ª Conferência das Insuperiorias Polonesas.

Depois, até 13 de janeiro, continuou a visita extraordinária da Insuperioria de Wrocław, isto é, da Polónia Oeste.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Capítulo Geral XXII (CG22)

Em princípios de março já estavam concluídos 32 Capítulos Inspetoriais, equivalentes a 40% do total.

Começam a chegar à Casa Geral as propostas, as atas da eleição dos Delegados, os questionários-sondagem e a ficha de levantamento. Tudo foi guardado convenientemente na relativa sala de documentação.

Para classificação e síntese das propostas, constituiu-se um Grupo Técnico. O trabalho realizou-se durante todo o mês de junho. Com relação aos objetivos concretos e à metodologia de trabalho existem três hipóteses, entre as quais o grupo fará uma opção, uma vez que tiver tomado conhecimento do material:

— classificação das fichas por meio de siglas e números, com base num elenco de temas convencionais;

— reelaboração e unificação das fichas recebidas em fichas-síntese, com base num temário estabelecido;

— apresentação de todo o texto constitucional e regulamentar, com o aparato das variantes propostas.

Para o exame das atas das eleições dos Delegados da Inspetoria ao CG22, o Reitor-Mor nomeou a Comissão Jurídica de que se fala no artigo 102 dos Regulamentos. Os seus componentes são: P. Tar-

císio Bertone (Presidente), P. Mário Grussu, P. João Homola, P. Pier Giorgio Marcuzzi. Na data fixada para o envio do material (31 de maio de 1983), a Comissão examinará as atas que atestam validamente o ato de eleição, e se se encontrarem defeitos de qualquer espécie, o Regulador providenciará para que se proceda em tempo útil à devida correção e, se o caso assim exigir, à repetição das eleições (cf. Regulamentos, art. 102).

Para elaborar os resultados do questionário-sondagem foi marcado o Centro de computação da Universidade Pontifícia Salesiana. Tais resultados serão colocados à disposição da Comissão Pré-capitular e sucessivamente dos membros do CG22. Do mesmo modo será elaborada a ficha de levantamento, que evidenciará quantitativamente algumas constantes dos CI 1982-83.

O Conselho Superior refletiu sobre os pontos que com relação ao CG lhe dizem respeito de forma particular, segundo as Constituições e os Regulamentos: trata-se da responsabilidade sobre os esquemas e sobre as relações que a Comissão Pré-capitular produzirá e que o Regulador enviará aos participantes com antecipação suficiente (cf. Regulamentos art. 101).

Tal Comissão será convocada tão logo se tiverem os nomes completos dos participantes no CG22. O início dos trabalhos está previs-

to para 1.º de julho. Na sua composição integrar-se-ão ao máximo competências, experiências e proveniências, para garantia da completude da tarefa e das exigências de representação.

O fruto principal do trabalho até agora realizado, conforme avaliação comprovada, é uma aproximação enriquecedora ao texto constitucional por parte de irmãos e comunidades. De aí também uma iluminação da originalidade do projeto salesiano de vida. As contribuições que chegam correspondem a esse novo nível de consciência.

5.2 Causa dos nossos santos

— Teresa Valsè Pantellini, Venerável

Decreto da Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, com o qual o Papa João Paulo II reconhece as virtudes heróicas da Serva de Deus Teresa Valsè Pantellini. Em virtude desse reconhecimento, compete à Serva de Deus o título de "Venerável".

(A tradução italiana é de responsabilidade dos ACS.)

"Super dubio"

se consta das virtudes teologais Fé, Esperança e Caridade tanto para com Deus como para o próximo, e das virtudes cardeais Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e suas anexas, em grau heróico, no caso e para o fim de que se trata.

"Eu vos dou graças, ó Pai..., porque ocultastes estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelastes aos pequenos" (Mt 11,25). Entre os pequenos, ou seja, os humildes, aos quais Deus manifesta com amor de predileção os se-

gredos do seu reino, enquanto se acham ainda no exílio terreno, deve-se colocar Teresa Valsè Pantellini, que viveu sua breve existência no desejo vivíssimo e no empenho constante da perfeição evangélica. A Serva de Deus nasceu em Milão, em 10 de outubro de 1878, de família piedosa e rica, que em 14 do mesmo mês providenciou seu renascimento sobrenatural com o sacramento do batismo.

Até à idade de doze anos, foi educada e instruída dentro das paredes domésticas, sob o olhar vigilante e amoroso dos pais José Valsè Pantellini e Josefina Viglini, que lhe foram de claro exemplo no exercício da vida cristã, especialmente na prática da oração e no amor aos pobres e necessitados.

Desde a primeira juventude, Teresa demonstrou engenho aberto, singular disposição pela música e pela poesia, além de um caráter firme e resolutivo, capaz de fortes empreendimentos.

Dia 20 de outubro de 1890, poucos dias antes de tornar-se órfã de pai, entrava no nobre Colégio ou Conservatório da SS. Annunziata de Poggio Reale, em Florença, onde iniciou os estudos secundários e fez, em 29 de março de 1891, a primeira Comunhão. Naquele dia — confessou mais tarde ao futuro bispo de Bergamo Radini Tedeschi — sentiu-se chamada ao estado religioso e fez voto de não contrair matrimônio. A transformação que nela se operou, a partir daquele dia, foi tão visível que era proposta pelas superiores, embora leigas, à imitação das companheiras, como modelo de aluna devota e estudiosa.

Mesmo ficando em Florença, para onde se havia transferido a Família, em 1893 passou para o

Instituto das Damas do Sagrado Coração, mais adaptado às suas íntimas aspirações e aos seus desejos de vida espiritual. Por um segundo triênio a Serva de Deus cuidou assim da sua formação humana e do progresso nas virtudes. Os testemunhos daquele tempo, quer da parte das colegas como das superiores, concordam em ressaltar como Teresa, enquanto se dedicava com assiduidade ao estudo, tinha decididamente abraçado a via estreita do Evangelho e interpretava ao pé da letra a renúncia de si, para seguir os ensinamentos do Salvador e abrir caminho em suas ações ao triunfo da graça. Entrava dessa maneira na coorte dos “pequenos” e fazia próprias na vida as palavras exigentes do divino Mestre: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29).

Em 1896 voltou para a família, sem haver concluído o curso dos estudos, em virtude de sua saúde precária. Por quatro anos permaneceu no mundo, vivendo com o conforto da sua condição, mas com o coração em Deus. Jamais falhou no empenho da piedade, da oração e freqüência dos sacramentos. Deu-se às obras de caridade e procurou santificar os próprios divertimentos, aos quais não se podia subtrair. Mas procurou sobretudo conhecer, com a ajuda de competentes guias espirituais, a vontade de Deus quanto ao seu futuro.

Aos vinte e três anos, após madduro exame, e superando dificuldades e contrastes vindos de pessoas queridas, finalmente, em 2 de fevereiro de 1901, entrava para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que casualmente conhecera em Roma. Atraía-a o desejo de consagrar a vida, no espírito de São João Bosco e de Santa Maria

Mazzarello, à educação da juventude pobre e abandonada.

A realidade do estado religioso veio-lhe logo ao encontro com sacrifícios e renúncias. A alimentação não era a de sua casa; as acomodações demonstravam pobreza franciscana e era mister adaptar-se às exigências das observâncias regulares e da submissão.

Teresa Valsè Pantellini não teve dúvidas nem incertezas em inverter seus hábitos e percorrer o novo caminho pelo qual se enveredava. Admirando-lhe as virtudes e a prontidão ao dever, as superiores comentavam: “Temos uma postulante que é um anjo”.

Superada com sucesso a segunda prova do noviciado, em 3 de agosto de 1903, a Serva de Deus emitia com alegria a profissão religiosa, e, não obstante as precárias condições de saúde, dava início a fecundo apostolado em meio à juventude romana do Trastevere. Seu programa, segundo a doutrina evangélica da pequenez interior, foi de passar inobservada aos olhos dos homens; mas não puderam ficar inobservadas e na sombra suas virtudes incomuns, que exercitava com crescente fervor e zelo incansável. Singulares o seu espírito de humildade e de abnegação, o ardor apostólico, a generosidade em suportar e perdoar. Embora exata em tudo, parece serem três os pontos altos da sua breve vida religiosa: o amor de Deus, a luta contra a natureza, o empenho em esconder-se. Aspirava por tornar-se santa, sem singularidades, sem ser notada.

Ao contrário, a voz de testemunhas imediatas — como resulta dos depoimentos — é um coro unânime que exalta a bondade e piedade da Serva de Deus; sua paciência e fineza; sua amabilidade em ouvir, educar e corrigir; sua

perfeita exemplaridade em todas as ações da vida comum.

Assaltada por grave enfermidade, que lhe havia sempre minado a grácil existência, em 1907 transferia-se para Turim, onde, em 3 de setembro, munida dos confortos da fé, que havia sido o sustentáculo valioso de sua existência, piedosamente encerrava, o curso dos seus dias, no ósculo do Senhor, sem ter ainda vinte e nove anos. A fama de santidade que a havia acompanhado em vida, afirmou-se e cresceu após a morte, como a seu tempo demonstraram as primeiras investigações feitas de acordo com as leis canônicas. O exame atento delas, depois de outras formalidades de rito, levou ao decreto de 3 de dezembro de 1944, com o qual Pio XII fel. rein. decidia a Introdução da Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus.

Depois, a então S. Congregação dos Ritos, em 14 dezembro, declarou que constava a obediência às normas urbanianas sobre o "Não culto". Em seguida, nos anos 1946-1949, foram celebrados os Processos Apostólicos junto às Cúrias Eclesiásticas de Turim e Florença, e em 1955 junto ao Vicariato de Roma, sobre as virtudes em particular da Serva de Deus. Sobre a validade jurídica de todos os Processos foi emanado o Decreto em 15 de abril de 1955.

Terminados devidamente esses trâmites, procedeu-se à discussão sobre as virtudes teológicas e cardeais da Serva de Deus, antes, em 15 de dezembro de 1981, no Congresso Particular dos Oficiais Prelados e dos Padres consultores; e depois, em 11 de maio de 1982, na Congregação Ordinária dos Padres Cardeais, sendo relator o Rev.mo Francisco Carpino. O Sumo Pontífice João Paulo II, em 19 de junho

de 1982, foi informado do êxito favorável dos dois Congressos pelo abaixo assinado Cardeal; e Sua Santidade, ratificando o parecer da Congregação para as Causas dos Santos, dispôs que se preparasse o decreto sobre as virtudes da Serva de Deus.

Isto feito, o mesmo Sumo Pontífice hoje, convocados o Rev.mo Cardeal abaixo assinado e o Card. Francisco Carpino, relator da Causa, eu, abaixo assinado Secretário e os outros que se costuma convocar, na presença deles solenemente proclamou: "Consta das virtudes teológicas Fé, Esperança e Caridade tanto para com Deus como para com o próximo, e das virtudes cardeais Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e suas anexas, da Serva de Deus Teresa Valsè Pantellini, Irmã professa do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, em grau heróico, no caso e para o fim de que se trata".

Dispôs enfim que este Decreto fosse promulgado segundo as normas estabelecidas e fosse inscrito nos Atos da S. Congregação para as Causas dos Santos.

Dado em Roma, em 12 de julho

A. D. 1982

Pietro Card. Palazzini,

Prefeito

Traiano Crisan,

Arceb. tit. de Drivasto,

Secretário

— **Luís Versiglia e
Calisto Caravario**

Secretaria de Estado

N. 104.098

Do Vaticano, 24 de janeiro de 1983

Reverendíssimo Senhor:

Com carta dirigida a Sua Santidade, em 9 de setembro p.p., o

senhor manifestou o desejo de que a cerimônia de Beatificação dos dois Mártires Salesianos, Dom Luís Versiglia e P. Calisto Caravario, se realize preferivelmente na primeira metade do próximo mês de maio.

Cumpro o dever de comunicar-lhe que o Sumo Pontífice escolheu como data para as mencionadas Beatificações o domingo 15 de maio do corrente ano.

É-me outrossim agradável comunicar-lhe que o Santo Padre apreciou as expressões de filial devoção manifestadas e, enquanto deseja copiosos frutos de bem para o precioso apostolado realizado por esse Instituto religioso, dá de coração ao senhor e aos Salesianos todos a sua Bênção Apostólica.

Aproveito a circunstância para confirmar-me com sentido de distinto obséquio

de vossa Senhoria Rev.ma
Dev.mo no Senhor
† Eduardo Martínez Somalo

Reverendíssimo Senhor
P. EGIDIO VIGANO
Reitor-Mor dos Salesianos
Direzione Generale Opere Don Bosco
Roma

Roma, 11 de fevereiro de 1983
Festividade de N. S.^a de Lourdes

Queridos irmãos e amigos todos da Família Salesiana,

chegou-nos uma bela notícia. Eis como no-la comunicou do Vaticano a Secretaria de Estado.

— “Com carta dirigida a Sua Santidade, em 9 de setembro p.p., o senhor manifestou o desejo de que a cerimônia de Beatificação dos dois Mártires Salesianos, Dom Luís Versiglia e P. Calisto Caravario, se realize preferivelmente na primeira metade do próximo mês de maio.

Cumpro o dever de comunicar-lhe que o Sumo Pontífice escolheu como data para as mencionadas Beatificações o domingo 15 de maio do corrente ano”.

— Obrigado, Senhor!

Enquanto exprimimos o nosso mais vivo reconhecimento ao Sucessor de Pedro, louvamos a Deus que nos oferece, no Ano Santo, um evento significativo para celebrar e aprofundar o valor eclesial e missionário da Vocação Salesiana.

Trata-se da beatificação dos nossos dois “PROTO-MÁRTIRES”.

Já ao chegar a Macau, em 1918, como superior da nova missão salesiana na China, o P. Luís Versiglia exclamava: — enquanto recebia das mãos do P. Sante Garelli um precioso cálice, presente do Reitor-Mor P. Paulo Albera — “Dom Bosco viu que quando na China um cálice se enchesse de sangue, a Obra Salesiana haveria de difundir-se maravilhosamente entre este imenso povo. Tu me trazes o cálice visto pelo Pai: cabe a mim enchê-lo de sangue, para o cumprimento da visão”.

Esta antecedente afirmação reveste de riqueza profética uma morte cristã, destinada a ser semente de futuro para a Obra de Dom Bosco na China.

A execução cruenta de Dom Versiglia e P. Caravario foi um martírio de fidelidade ao Evangelho de Cristo na defesa da pureza de três meninas.

Estimule-nos esse testemunho a ver na coragem da fé um dom fecundo para o devir do homem, “este homem — como nos disse o Papa — (que) é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão” (Red. Hom. n. 14).

Convido-vos a todos, caríssimos — Irmãos, Filhas de Maria Auxilia-

dora, Cooperadores, Ex-alunos, Voluntárias de Dom Bosco, Membrós e Amigos da Família Salesiana, Fiéis das nossas Paróquias e Obras —, a celebrar este evento, a vivê-lo espiritualmente, e também a organizar, para a cerimônia do Vaticano, uma participação numerosa e devota.

A ocasião favorável do Ano Santo, que terá início no próximo 25 de março, *oferece a oportunidade de reunir o maior número possível de peregrinos a Roma para este, para nós auspicioso, 15 de maio.*

Exorto-os todos a rezar, meditar, celebrar e levar a S. Pedro muitos jovens e fiéis. Que ninguém se deixe desencorajar pelas inevitáveis dificuldades.

N. S.^a Auxiliadora, a cuja festa nos estamos preparando nestes dias, nos assista, ilumine, encorage e ampare.

Até nosso encontro festivo em Roma, em 15 de maio!

Em comunhão de alegria e gratidão com Dom Bosco e com os dois novos Beatos.

(P. Egídio VIGANÓ)

O coração missionário dos dois novos Beatos

Publicamos aqui, como documento de reflexão, duas cartas dos nossos mártires, escritas quando ainda jovens. Demonstrem anelo missionário e nos ensinam a propor claramente, na nossa pastoral juvenil e vocacional, o generoso ideal das missões. Foi sempre uma característica do espírito salesiano.

— *Carta do Clérigo Luís Versiglia ao seu Diretor (do Instituto Salesiano de Turim-Valsalice, P. Júlio BARBERIS).*

— *Encontra-se no Arquivo Salesiano Central da Casa Geral — "9, Versiglia, fasc. 15, n. 2".*

Turim-Valsalice, 22 de julho
de 1890)

Muito querido Sr. Diretor,

Já lhe manifestei com palavras e também por carta o meu desejo das missões e agora, segundo o seu conselho, manifestarei claramente o que sinto dentro em mim.

Antes de tudo lhe direi como o desejo das missões foi o atrativo com que Nosso Senhor me pegou para si; e foi justamente em 1888, quando cursava ainda o 3.^o ginasial no Oratório, que à partida da (14.^a) expedição com o P. (Valentino) Cassinis ajudado, e também atingido pela graça do Senhor, abandonei qualquer outro projeto anterior, para fazer-me Salesiano com a esperança de ser missionário. Mas depois esse desejo se desfez pela esperança, antes pela presunção de poder avançar nos estudos e fazer o bem também na Itália; tanto mais que conhecendo algo da vida de sacrificio que deve levar o missionário, eu não me sentia muito disposto a ela. Quando, porém, vim de Foglizzo aqui para Valsalice, o exemplo dos irmãos me reanimou e, sobretudo quando o Sr. P. Rua, na academia da Imaculada, falou da África e de outros lugares, acendeu-se ainda mais em mim o desejo de ir para a África e este desejo por algum tempo tomou conta de mim de tal modo que me dominava na igreja, na escola, no recreio e até na cama. Mas muitas vezes notava que a esses ímpetos misturava-se o amor-próprio, pois conhecia que o que me impelia era, sim, o desejo de salvar almas, mas o desejo que surge do amor-próprio e não da vontade resoluta de querer e também sofrer só por Jesus Cristo.

E então, quase desanimado, ofereci várias vezes, especialmente

diante da tumba do nosso Pai, ofereci a minha vida ao Senhor contanto que fosse de ajuda aos que partissem para a África, ou com o sacrifício imediato da minha vida ou também com permanecer escondido por toda a vida em qualquer outro encargo humilde que o Senhor me viesse a confiar.

Agora já não sinto internamente os transportes que então sentia; mas o desejo ainda continua; e, antes, parece-me ainda mais sólido, pois quando penso nele já não me faz agitar-se o espirito poeticamente, mas, correndo logo aos sacrifícios que lá se devem fazer, sinto-me até impellido a fazer algum esforço, ou para adquirir alguma virtude, ou para não me deixar abater pelo cansaço ou pelo fastio no trabalho e especialmente no recreio.

Com relação aos obstáculos externos parece-me que não tenho; por certo desagradaria muito aos meu parentes, mas se os superiores julgassem bem, estaria pronto a fazer este pequeno sacrifício.

Os verdadeiros obstáculos encontro-os dentro de mim mesmo: um dos primeiros é que me parece não ter um verdadeiro zelo, pois ao ouvir, por exemplo, que um companheiro faz muito bem e é muito bom, algumas vezes sinto por isso um como desgosto. Todavia procurei e procuro remediar isso, rezando por esses colegas, procurando agradecer (a Deus) porque se eu não o amo, existem pelo menos muitos colegas meus que o amam.

Um segundo obstáculo, raiz também do primeiro, é a soberba; até agora não fiz ainda um verdadeiro e constante esforço para vencer-me quanto a ela.

Um terceiro também muito grave diz respeito à bela virtude, pois

o senhor sabe como já fui muito ferido; e agora receio não poder ser forte, tanto mais que também aqui me sinto inclinado a frequentar os colegas que me agradam e fugir daqueles com os quais não combinaria muito.

Acrescento a mortificação e o sofrimento pois o senhor sabe que medo me causam.

Aqui termino. Se tiver necessidade de alguma outra coisa, peço-lhe que me pergunte. Entretanto beijo-lhe respeitosamente a mão e sou

seu af.mo em J. C. filho

L. M. Versiglia

em 22-7-90.

— *Carta do Clérigo Calisto CARAVARIO ao P. Carlos BRAGA.*

— *Encontra-se no Arquivo Salesiano Central da Casa Geral — "9, Caravario, fasc. 5. n. 3".*

Valdocco 21.XI.1923

Caríssimo P. Braga,

Escrevo-lhe no último momento, mas não quero que os novos Missionários partam sem levar-lhe meus cumprimentos.

Estou aqui em Valdocco entre os aprendizes.

Sou assistente dos alfaiates, e do 5.º curso. E sou presidente (!) do Círculo "D. Rua".

Trabalho não me falta, mas estou mesmo contente.

P. Braga, prepare-me um lugarzinho.

Dentro de 5 anos vou encontrá-lo. Muito tarde? Não. Fiz o pedido de prorrogação. Dentro de 5 anos deveria partir.

Prepara-me o lugar?

No outro ano começarei a teologia. O liceu terminou.

Leio no boletim com muito prazer suas relações e comigo as lêem muitos outros companheiros nossos.

Já são todos moços e quando nos encontramos, lembramos com prazer a 4.ª elementar de 1914!

Já passaram dez anos!

A propaganda das Missões é ativa e procurarei ativá-la cada vez mais.

Lembre-se de mim para que possa tornar-me bom e possa ajudar nisto os meus jovens.

Eu certamente não o esquecerei.

Cumprimentos de Mamãe e de meu irmão.

Afmo
cl. Calisto Caravario

5.3 Universidade Pontifícia Salesiana

Apresentação dos "Estatutos" e "Ordenamentos"

Roma, 13 de dezembro de 1982

1. Saudação

Boa-tarde, e votos de proveitoso Ano Acadêmico!

Aqui estou para apresentar-lhes os Estatutos renovados e os Ordenamentos, promulgados na semana passada na data que nos é tão cara da festa da Imaculada.

Desejei fazê-lo pessoalmente porque o considero um ato historicamente significativo e de particular importância para o futuro da nossa Universidade.

Tocou-me a mim colaborar por dez longos anos, nem sempre fá-

ceis, primeiro como Delegado do Grão-Chanceler P. Luís Ricceri, e depois, após o documento Capítular do CG21, com o mandato de Reitor-Mor, e Grão-Chanceler. Encontrei sempre nos responsáveis pela Universidade, nas Comissões e nos vários organismos acadêmicos competência e dedicação para levar a bom termo uma tarefa estatutária tão complexa e urgente. Sou-lhes grato!

2. Algo de recente crônica

As etapas da revisão dos Estatutos e da redação dos Ordenamentos da UPS entram no processo mais vasto de reestruturação e modernização da Universidade e da Opera PAS. Os presentes Estatutos e os Ordenamentos constituem não só a fase substancialmente conclusiva, mas também a expressão mais significativa e vinculante de todo um vasto processo.

Iniciou-se antes do CG21. Coube a mim apresentar uma relação detalhada àquele Capítulo Geral sobre a reestruturação do PAS no sexênio '72-77. Dizia então que havia uma terceira fase de evolução dos trabalhos de revisão, que devia concentrar-se com mais energia e concretude sobre a reorganização da Universidade enquanto tal, "como um todo orgânico acuradamente articulado". Havia-se trabalhado por entre muitas dificuldades. Somente em 1976 eram entregues os "Orgânicos" das cinco Faculdades ao Grão-Chanceler. Em 10 de janeiro de 1977 o P. Luís Ricceri apresentava ao Reitor uma Carta-proposta garantindo que a Congregação se sentia "envolvida neste fato universitário não a partir de fora, mas do próprio íntimo das suas raízes existenciais" (1.2): acrescentava, porém, que "os Orgânicos apresentados 'eram' a

proposta de cada Faculdade: parece que falta — dizia — a voz da Universidade como um todo” (1.6).

As reações suscitadas pela Carta-proposta seguia-se um memorando dos três membros do Conselho Superior disto encarregados para melhor esclarecer o objetivo a ser atingido e tentar obter uma convergência de critérios para a continuação dos trabalhos. Entretanto a Comissão dos Decanos (10 de junho a 7 de outubro 1977) empenhou-se em elaborar um plano de projeto embrional da reestruturação universitária.

Em novembro de 1977 foi entregue ao Grão-Chanceler um Documento de síntese que representava um esforço notável e não fácil antes do CG21.

Depois do Documento capitular do CG21 (fevereiro de 1978) e com a promulgação tão esperada da Constituição Apostólica “*Sapientia Christiana*” (15 de abril de 1979) — bem três Papas haviam trabalhado nela: Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II — entrou-se na fase propriamente formal e técnica. Em 31 de maio de 1979, como Reitor-Mor e Grão-Chanceler, encarregava o Reitor da Universidade de constituir uma Comissão “ad hoc” e de estudar os meios técnicos para a revisão dos Estatutos e a redação dos Ordenamentos. Segundo tais indicações, o Conselho de Universidade constituía, em 13 de junho de 1979, a Comissão técnica e a Comissão de coordenação.

Entretanto na sessão plenária do Conselho Superior da Congregação (junho-julho de 1979) estudavam-se as orientações a serem oferecidas à Universidade por parte da Congregação Salesiana em harmonia com a *Sapientia Christiana* e os documentos capitulares do CGE e do CG21. Assim, em 24 de setembro de 1979, enviava ao Reitor da

Universidade uma importante carta sobre a reestruturação e a modernização da UPS, considerando já chegado o “momento providencial” para um profundo trabalho de uma espécie de “refundação” dela.

Em 2 de maio, o Colégio de Universidade aprovava os Estatutos Gerais renovados; no mesmo mês os Colégios de Faculdade aprovavam os respectivos Estatutos de Faculdade e em 7 de julho o Conselho de Universidade aprovava os Ordenamentos Gerais e os de Faculdade. Rumava-se assim para uma conclusão positiva.

Em 11 de julho de 1980 o Reitor apresentava o texto ao Grão-Chanceler com as votações detalhadas de cada um dos artigos por parte dos organismos competentes.

O Reitor-Mor e Grão-Chanceler, após consultar os membros do Conselho Superior da Congregação e certo número de expertos, revia o texto dos Estatutos e dos Ordenamentos e o apresentava para aprovação da S. Congregação para a Educação Católica, em 22 de dezembro de 1980.

O texto ficou com o mencionado Dicastério da S. Sé por todo um ano e foi objeto de diálogo sobre algum ponto determinante e significativo entre o Grão-Chanceler e a S. Congregação.

Em 30 de dezembro de 1981 o Card. William Baum assinava o Decreto de aprovação, acompanhando-o com seis páginas de observações.

A revisão do texto com base nessas observações foi confiada pelo Grão-Chanceler a uma Comissão, que trabalhou em estreito contato com ele, de 20 de fevereiro a 28 de agosto de 1982; o Reitor, em nome do Grão-Chanceler, apre-

sentou o texto, revisto com base nas observações, à S. Congregação para a Educação Católica. Esta, em 27 de outubro p.p., aprovava o texto novamente redigido e autorizava sua impressão.

Os Decretos de promulgação e de execução trazem as datas respectivamente de 8 e 13 de dezembro de 1982.

3. *A fisionomia da nossa Universidade nos Estatutos renovados*

A leitura do "Proêmio", que precede o texto dos Estatutos, dá-nos uma síntese de todo o desenvolvimento da nossa Universidade, desde os primeiros inícios, e do seu crescimento gradual e qualitativo.

A promulgação dos Estatutos renovados e dos Ordenamentos coloca-se certamente como, diria, "um salto de qualidade" nesse processo de crescimento. O início do dia 3 de maio de 1940 em Turim foi o primeiro passo, humilde mas decisivo. O crescimento posterior de cada uma das Faculdades ou Institutos, que se deu em sedes diversas, demonstrou grande vitalidade, mas pôde comportar certo perigo de compartimentos estanques, perceptível mesmo depois da reunião de todas as Faculdades na sede comum aqui no PAS. A ratificação do CGE de garantir ao nosso Ateneu uma verdadeira estrutura de "Universidade Pontifícia Salesiana" (n. 702) e depois a formal elevação a Universidade Eclesiástica, querida pelo Sumo Pontífice Paulo VI com o *Motu Proprio* "Magisterium Vitae" de 24 de maio de 1973, abriram caminho para nova e mais determinada etapa de desenvolvimento com explícitas exigências de reestruturação.

Na vontade de assumir um empenho explicitamente universitário,

propusemo-nos ideais a serem atingidos e objetivos concretos a serem realizados.

Lembro-os sumariamente, por que já entraram a formar parte dos Estatutos renovados.

3.1 *Uma clara consciência eclesial* em todas as instituições universitárias e iniciativas académicas.

"As Faculdades Eclesiásticas (lembrou-nos a 'Sapientia Christiana') — que estão ordenadas ao bem comum da Igreja e constituem por isso algo de precioso para toda a comunidade eclesial — devem ter consciência da própria importância na Igreja e da participação no seu ministério" (Proêmio — IV).

É de grande interesse destacar que o fato de ser a nossa uma "Universidade Eclesiástica", reveste-a de uma peculiar conformação no seu ser e no seu agir.

"A nossa Universidade — dizia o P. Ricceri na carta de janeiro de 1977 — não é fim para si mesma, mas ordena-se a um serviço específico na Igreja e na Congregação. E tal serviço situa-se numa órbita essencialmente pastoral e pedagógica em todos os níveis: pesquisa, ensino, publicações, divulgação, com uma animação nitidamente católica" (1.7).

Esse aspecto eclesial segundo a sua específica modalidade salesiana está agora melhor precisado estatutariamente, quer nos Estatutos gerais como nos Estatutos de cada Faculdade, com base evidentemente nos diversos tipos de disciplinas cultivadas (lembremos que bem três das cinco Faculdades estão empenhadas em aprofundar, de per si, ciências propriamente "humanas").

3.2 *Uma estruturação mais unitária da Universidade*, superando

os perigos de setorialismo de cada uma das Faculdades ou Institutos; uma maior organicidade do todo, que evite as dissonâncias de um pequeno estado dentro do estado ou de uma mini-universidade no âmbito da Universidade, e favoreça formas mais dinâmicas e modernas de programação interdisciplinar. “Torne-se efetivo também no plano estrutural, e pois, estatutário — dizia o CG21 — o princípio da interdisciplinaridade e departamentalidade” (n. 360).

Os Estatutos renovados garantem a realização desse objetivo. Agrada-me ler, como exemplo, o art. 2 § 3; “Estas diversas tarefas (= os fins específicos da UPS), convergentes no escopo primário de que se fala no § 1 (= aspecto pastoral e pedagógico), realizam-se na unidade e organicidade da Universidade entendida como um todo, através da coordenação, não puramente horizontal e quase setorial, mas funcional-dinâmica e hierarquizada, das Faculdades, dos Departamentos, dos Institutos e dos Centros, e através da interdisciplinaridade da pesquisa e do ensino”.

É particularmente interessante a respeito o capítulo 1.º do Título sexto sobre o Ordenamento dos estudos (especialmente os arts. 41, 42, 43, 44).

3.3 *Uma caracterização específica bem definida.* Estamos empenhados numa verdadeira e original modernização da nossa Universidade, num repensamento global que garanta uma caracterização específica com relação às outras Universidades Eclesiásticas, com um leque de currículos adequado às nossas humildes forças e procurando evitar duplicações supérfluas. Disso cuidou-se nos Estatutos na clara definição do papel científico de cada Faculdade, na

escolha e limitação das especializações, e na iniciativa de uma peculiar *Estrutura departamental* para a qual fazer convergir as pesquisas e os interesses acadêmicos de toda a Universidade.

Aparece, antes de tudo, na estruturação renovada dos Estatutos, o primado absoluto da luz da Fé católica. A “*Gaudium et Spes*” havia proclamado a alegria dos cristãos “de poderem desenvolver todas as suas atividades terrenas, unificando os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos e técnicos numa só síntese vital, em simbiose com os valores religiosos, sob cuja altíssima direção tudo é coordenado para a glória de Deus” (GS 43).

O texto da Constituição Apostólica “*Sapientia Christiana*” começa justamente afirmando este vértice a ser escalado de uma síntese na fé: a sabedoria cristã — diz-nos — no esforço “de recolher os acontecimentos e as atividades humanas numa única síntese vital juntamente com os valores religiosos, sob cuja direção todas as coisas estão entre si coordenadas para a glória de Deus e para o desenvolvimento integral do homem, desenvolvimento que compreende os bens do corpo e os do espírito” (Proêmio — I).

Uma Universidade Eclesiástica zela certamente pela cientificidade, mas não se detém na pura “ciência”, tende fortemente a promover uma “sabedoria” que influa sobre os modos de pensar, sobre os critérios de juízo, sobre as normas de ação, porque quer ser um centro criativo de inteligência da história que influa e incida sobre a “cultura” humana: ou seja, cultiva a consciência de uma concreta participação no ministério da Igreja (que é a evangelização), sobretudo hoje quando se deve eliminar

o abismo criado entre Evangelho e cultura.

A nossa fé, com efeito, assegura-nos que na objetiva historicidade do homem, na sua essência integral e na sua existência, há um profundo dinamismo de recapitulação de si e de tudo no Cristo.

— Justamente, então, entre nós a 1.ª Faculdade, com a qual todas as demais devem saber dialogar na busca da sabedoria cristã, é a da Sagrada Teologia, que desenvolve peculiarmente as disciplinas da Fé.

Uma preocupação concreta de caracterização salesiana está indicada explicitamente para esta Faculdade nos Estatutos renovados: “Em sintonia com a missão da Cooperação Salesiana — diz o art. 63 — A Faculdade de Sagrada Teologia promove a pesquisa e o ensino teológicos tendo em vista especialmente a evangelização dos jovens e do povo, e a ação nas missões”.

— É muito sintomático que se tenha mudado a ordem em que são apresentadas as outras nossas Faculdades.

A das Ciências da Educação ocupa caracteristicamente nos Estatutos renovados o 2.º lugar. As razões dadas à S. Congregação para esta novidade significativa eu as havia exposto na minha carta de 24 de setembro de 1979, ao Reitor: “a sua originalidade entre as instituições universitárias ‘clesiásticas’; a sua forte e específica incidência sobre o significado e a razão de ser da nossa Universidade; e a sua preciosa capacidade de ‘promover o diálogo entre Evangelho e cultura justamente através do momento pedagógico, tão característico da vocação salesiana’” (n. 3.3); esta Faculdade, com efeito, surgiu, segundo a vontade

expressa do P. Pedro Ricaldone, “com a missão específica de aprofundar e difundir a pedagogia católica em geral, e, em particular, o pensamento e as normas educativas que Dom Bosco nos ensinou” (PIETRO RICALDONE, *Don Bosco Educatore*, vol. I, p. 57-58; LDC 1952; cf. CG21, n. 354).

Isso tudo é aceito, e sua importância se sente no art. 89 dos Estatutos renovados; no parágrafo 3.1, em particular, precisa-se que: “a Faculdade de Ciências da Educação considera como seu escopo fundamental e unificador, para o qual convergem e no qual se caracterizam os fins específicos, de que se fala no parágrafo precedente, a pedagogia inspirada na visão cristã do homem e da vida”.

Essa caracterização específica comporta exigências concretas de especial atenção das outras Faculdades à dimensão pedagógica, de continuado diálogo e colaboração desta Faculdade com as outras, de constante promoção — como dizia já o P. Luís Ricceri na sua carta de 10 de janeiro de 1977 — “não simplesmente das especializações técnicas, mas da pesquisa e do ensino acerca da realidade educativa e o seu significado segundo as grandes orientações da fé cristã e as exigências da pedagogia salesiana” (n. 3.5).

— Uma perspectiva de caracterização específica é indicada pelos Estatutos renovados também para as outras Faculdades. Em particular, para a Faculdade de Filosofia: “em harmonia com as finalidades próprias da UPS — dizem os Estatutos — a formação filosófica será caracterizada por uma especial abertura à problemática religiosa unida a uma forte sensibilidade humanístico-pedagógica, para preparar, além de ao ensino da filosofia, ao diálogo com a cultura

contemporânea, e a dar uma resposta às exigências do mundo juvenil" (art. 125 § 3).

E assim para a Faculdade de Direito Canônico: art. 147, parágr. 2; e para a Faculdade de Letras Cristãs e Clássicas: art. 164, parágr. 2.

— A função peculiar de cada Faculdade é, assim, ligada intimamente à caracterização específica de toda a Universidade, expressa claramente no seu fim unitário: "a UPS... — dizem os Estatutos — propõe-se como escopo caracterizante dedicar particular atenção ao estudo e à solução das questões inerentes à educação e à ação pastoral especialmente entre os jovens e as classes populares, segundo o espírito de S. João Bosco" (art. 2, § 1).

4. *Algumas exigências às quais é preciso adequar-se*

Os Estatutos renovados e os Ordenamentos não são um volume para biblioteca, mas contêm normas concretas de vida. Indico algumas exigências que considero importantes e talvez exigem também uma mudança de mentalidade.

4.1 *O funcionamento dos organismos colegiais*, segundo sua tarefa precisa. A primeira observação que nos foi feita pela S. Congregação para a Educação Católica foi a seguinte: "Dentro da Universidade e das Faculdades há muitos organismos, os quais poderiam complicar o rápido andamento da vida acadêmica. Conviria estudar a conveniência de suprimir algum".

Por isso foram suprimidos nos Estatutos renovados:

— O Colégio de Universidade, cujas funções foram assumidas pelo Conselho de Universidade

(art. 12, parágr. 1.1) e pelo conjunto dos Conselhos de Faculdades (art. 8, parágr. 2);

— e o Colégio de Faculdades, cujas funções foram assumidas pelo Colégio dos Professores (art. 20, parágr. 1) e pelo Conselho de Faculdades (art. 18, parágr. 1.3).

Mas devem-se levar a sério os organismos aprovados: através deles passa a comunhão e participação de todos na co-responsabilidade universitária. O funcionamento dos organismos colegiais deverá intensificar, por um lado, a consciência da co-responsabilidade nos vários membros, e, de outro, a relação harmônica de tais organismos com o bem comum de toda a Universidade e da sua vida acadêmica.

4.2 *A importância das autoridades pessoais*. A "Sapientia Cristiana" havia recomendado com clareza uma acentuação do papel das autoridades pessoais: Reitor, Decanos, Oficiais maiores: "as Autoridades pessoais — diz o texto — devem gozar daquele poder que efetivamente convém a seu ofício". Isso vale primeiramente para o Reitor, o qual tem a tarefa de dirigir toda a Universidade e de promover-lhe de maneira conveniente a unidade, a colaboração, o progresso (cf. SC art. 19, parágr. 1 e 2).

Devo reconhecer que as normas que a este respeito a UPS havia elaborado pareciam-me a mim e aos outros não só suficientes, mas adequadas e equilibradas. A S. Congregação todavia quis que a sublinhássemos com mais força.

Talvez, neste ponto, alguns deverão mudar um pouco de mentalidade. É para desejar que doravante tais responsabilidades encontrem maior apoio por parte de todos no exercício da sua autori-

dade pessoal segundo os Estatutos. Eles mesmos devem ter mais clara consciência de seu encargo de serviço; além disso, quando se elegerem ou designarem tais pessoas, será certamente levada em consideração esta exigência.

4.3 *O papel dos Ordinários.* Eles são assumidos, dizem os Estatutos, “a título definitivo”; e são “empenhados em tempo integral na UPS (art. 28, parágr. 4.2).

Doravante farão parte de direito do Conselho de Faculdade (art. 17, parágr. 1). Por isso eles não só devem ter ampla parte na animação e promoção (cf. art. 22, parágr. 2.1), mas participam também no governo da Faculdade.

Não se trata, pois, nem de “baronato” nem de “objetivo de pensão”, mas de especial competência e responsabilidade. Temos urgente necessidade de “mestres” verdadeiros e qualificados em todas as Faculdades!

Quereríamos que os Ordinários fossem como a alma da nossa Universidade.

4.4 *O Corpo Docente.* Juntamente com os Ordinários também todos os outros Docentes, especialmente os Extraordinários e, análogamente, os Adjuntos.

Todos juntos, os Docentes constituem o verdadeiro motor da Universidade, cada um segundo a própria competência, grau, cargo que exerce, a cátedra que ocupa ou à qual tende. É o Corpo Docente que move a Universidade!

Certamente há também os Alunos, há os Programas, há os outros colaboradores. Mas o ponto nodal, a possibilidade de progredir na própria e específica identificação universitária e no crescimento da vida acadêmica são

todos os Docentes, como Mestres, Pesquisadores, Estudiosos.

Eles deverão dedicar-se intensamente à “pesquisa”, com P maiúsculo; não à pura coleta de dados ou à tradução ou simples compilação, coisas essas úteis também e por vezes necessárias. Pode-se enganar nesse ponto colegas de outras disciplinas, talvez também alguns da própria, mas não se pode enganar a si próprio. Cada um sabe quanto vale o que ele publica e quanto há nele de próprio e original.

Juntamente com a competência científica deve crescer a clareza e o testemunho da profunda consagração religiosa de genuínos discípulos de Dom Bosco, pelo que a Universidade se torna expressão qualificada da missão salesiana, e o empenho científico de cada um à concretização operosa dos próprios vínculos sagrados.

Por isso os Estatutos lembram que “os Docentes da UPS são sócios professores da Sociedade Salesiana de S. João Bosco” (art. 30, parágr. 2) e que lhes é conferida “autorização para o ensino e, nos casos previstos pelo art. 27, parágr. 1 da Constituição Apostólica ‘Sapientia Christiana’, missão canônica” pelo Reitor-Mor que é o Grão-Chanceler (cf. art. 6, parágr. 2).

Se não se cultivar nem aumentar essa consciência, que chamaria de fundamental, corre-se o grave risco não só de não atingir a caracterização específica da nossa Universidade, mas também de esvaziar (pelo menos através de certas disciplinas) o seu próprio significado eclesial.

4.5 *Os Oficiais.* Não se trata de “graduados” no exército, mas de responsáveis de direito público, que com a sua função representam oficialmente a Universidade em determinados setores.

São irmãos com delicados encargos de tipo administrativo e técnico para a condução da Universidade. "São Oficiais maiores da UPS — dizem os Estatutos — o Secretário Geral, o Prefeito das Bibliotecas, o Ecônomo e o Administrador Delegado da LAS" (art. 37, parágr. 2).

"São Oficiais menores da UPS todos os outros, que colaboram com aqueles de que se trata no parágrafo precedente segundo suas competências específicas" (art. 37, parágr. 3).

A todos os Oficiais e ao Pessoal auxiliar, particularmente quando se trata de irmãos, deve chegar o reconhecimento e a colaboração dos outros. A Universidade não vive sem a contribuição concreta, o trabalho quotidiano e cansativo dos Secretários, dos encarregados do Fichário, Impressores, Guardas etc.

E eles devem sentir-se religiosamente responsáveis por toda a Universidade através do fiel e inteligente desempenho das próprias incumbências.

O texto dos Ordenamentos diz a respeito: "Os Oficiais são parte efetiva do pessoal da UPS; são por isso co-responsáveis, no que lhes compete, pela organização e bom andamento de toda a Universidade" (Ord. 67, parágr. 2).

4.6 *Enfim, os Estudantes.* É, em última análise, sobretudo para eles que a Sociedade Salesiana de S. João Bosco fundou e promove esta Universidade. Com efeito, dizem os Estatutos que a Congregação deve vigiar "com cuidado e providenciar" com diligência que tanto os Docentes como os Estudantes persigam eficazmente o fim proposto" (art. 4, parágr. 1).

Os Estudantes, ao matricularem-se na UPS, "aceitam — diz o art.

32 — os seus programas com seus caracteres específicos, com relação aos fins e à qualificação própria da Universidade" (art. 32, parágrafo 1).

Os Alunos, porém, "têm o direito de encontrar na Universidade — dizem sempre os Estatutos — instrumentos e ajuda para elaborar e realizar os planos de estudo e trabalho mais condizentes com a própria exigência cultural e profissional, no âmbito da organização geral e das possibilidades objetivas da UPS" (art. 34, parágr. 1).

Eis descrita aí uma exigência fundamental para todos!

5. *A índole vinculante das normas promulgadas*

Como vimos, trata-se de uma reorganização estatutária e de um conjunto de normas fruto de longo e complexo trabalho de maturação e relançamento; procede da experiência vivida e das exigências próprias de uma complexa estrutura universitária.

É verdade que a S. Congregação para a Educação Católica diz que "eadem *ad triennium et ad experimentum* rata habet atque adprobat"; mas acrescenta para todos os responsáveis que "districte praecipit ut, quae iisdem definiuntur ac stactuuntur, *ad effectum fideliter adducant*"; "formulando — enfim — de todo o coração os melhores votos para que a aplicação fiel dos Estatutos leve a um *ulterior fortalecimento dessa Universidade*".

Os três anos "ad experimentum" devem ser vividos na aplicação concreta de quanto está estabelecido; é esta a verdadeira atitude prática que ajudará a rever e melhorar os próprios Estatutos e Ordenamentos. Exige-o tanto a

vossa seriedade universitária, como a vossa consagração religiosa.

Queria sublinhar, ainda uma vez, a vossa responsabilidade de "Salesianos". Somente em sintonia de missão se poderá pôr em ação o espírito e não apenas a letra das disposições dos Estatutos e Ordenamentos.

Volto a pensar nas conversações tidas outras vezes sobre profissionalidade, colaboração, estilo de serviço, clima de serenidade, pesquisa e estudo fatigante, fraternidade e competência didática no ensino, espírito do Sistema Preventivo, nosso lema "trabalho e temperança", em suma, na consciência salesiana.

Somente a Salesianos posso dizer que estes Documentos têm uma ligação de fato com as nossas Constituições, tendo eles alguns vínculos de prolongamento com os Regulamentos Gerais; deve-se sublinhar, além disso, porque tem particular interesse, que os Regulamentos Salesianos, embora aprovados por um Capítulo Geral, não têm a aprovação específica da S. Sé, como ao invés a têm os Estatutos da Universidade.

6. *O agradecimento da Congregação*

Permitam-me que, em nome dos meus colegas do Conselho Superior e de toda a Congregação, lhes apresente as mais vivas congratulações pela meta atingida.

A "visita de conjunto" (em junho de 1982) pôs em evidência as molas do trabalho que foi por vocês realizado para executar com inteligência e diligência quanto havia indicado o CG21 e, posteriormente, o Reitor-Mor com o seu Conselho para a renovação da UPS. É este para a Congregação,

já às portas do CG22, um motivo de satisfação.

A nossa Universidade é merecidamente apreciada também fora de Roma e da Família Salesiana; disse-o explicitamente a própria S. Congregação para a Educação Católica.

A seriedade científica no âmbito de uma peculiar caracterização, a qualificada presença editorial, o número crescente dos estudantes, as iniciativas acadêmicas de atualidade, as colaborações de alto nível na vida da Igreja, concitam-nos a sair, se ainda fosse preciso, de algum âmbito restrito de provincialismo cultural e adequar-se sempre melhor ao caráter eclesial, internacional e criativo da nossa missão.

A Congregação também viu com prazer a assunção por parte da UPS das várias orientações emanadas pelos Capítulos Gerais, aumentou a confiança na sua Universidade e viu com esperança a afiliação a ela da maior parte dos seus centros de estudo espalhados pelo mundo.

Todos esses Institutos afiliados são uma projeção da UPS; dessa maneira a própria Universidade cresce e se expande!

Tal incremento de confiança e estima por parte de tantos traz à nossa memória, com sentido de gratidão, a dedicação e o sacrifício de quantos trabalharam e trabalham aqui. Eu aqui os consigno como devido agradecimento da Congregação e como estímulo para o futuro.

7. *Um salto à frente*

(É a conclusão!)

Precisamento dez anos atrás, em 24 de agosto de 1972, escrevia eu uma carta aberta ao Grão-Chance-

ler P. Luís Ricceri sobre o projeto de renovação da Universidade preparado pelo CGE e encaminhado com as conclusões a que havia chegado a "Comissão pós-capitular". Muitos lembrarão: eram tempos não muito claros e nem sempre fáceis. Falava-se ainda de PAS (Pontifício Ateneu Salesiano). Numa parte daquela longa carta, dizia eu ao P. Ricceri: "Ouvimos muitas críticas contra o PAS e também propostas radicais a respeito de sua própria existência. Não é, pois, uma extravagância que eu me permita uma pergunta como a seguinte: 'Não seria melhor que, nesta hora de descentralização, a Congregação prescindisse da manutenção de um Ateneu internacional? Para que serve, de fato, no plano mundial?'". E acrescentava:

"Se ficasse demonstrado ser impossível realizar o que estabeleceu o CGE, a resposta poderia ser sem mais afirmativa.

Mas das (minhas) reflexões anteriores se deduz que o pedido proposto é superficial e improvisado. A questão a ser proposta devia ser a seguinte: 'Pode a Congregação renunciar a prestar na Igreja um serviço específico próprio da sua missão e particularmente urgente a nível universitário? Tem sentido invocar para o caso a razão da descentralização?'

Para mim (dizia então) a resposta é aqui absolutamente clara: a cem anos da sua fundação seria deletério para a Congregação um gesto de involução. É preciso, ao invés, fazer de tudo para renovar o PAS, exige-o a fidelidade à nossa missão na Igreja!

Um centro universitário vivo, caracteristicamente salesiano, solidário com as orientações do Vaticano II, é um dos instrumentos mais eficazes, numa hora de des-

centralização, para a renovação da Família Salesiana e para uma presença renovada da própria Igreja entre os jovens.

A tarefa de repensar o que deve ser o PAS é certamente um dos nossos empenhos mais estratégicos" (E. Viganó, carta de 24 de agosto de 1972).

Pois bem: hoje, após dez anos de intenso estudo, diálogo, trabalho e colaboração, vejo na promulgação dos Estatutos renovados e dos Ordenamentos a conclusão substancial de um processo de refundação da Universidade que constitui um evento significativo da renovação conciliar da Congregação. Muitos dos presentes foram os elaboradores conhecidos ou ocultos; todos são protagonistas de um salto para a frente, que precisa de sintonia salesiana, de treinamento, de constância e competência. Convido-os a conhecer com clareza e assumir com sério empenho as próprias responsabilidades, a crer num futuro oneroso de trabalho mas rico de promessas.

Dom Bosco interceda e assista!

Padre Egidio Viganó

5.4 Solidariedade fraterna (42.^a relação)

a) INSPETORIAS QUE QUISE- RAM BENEFICIAR OUTRAS INSPETORIAS E OBRAS NECESSITADAS

AMÉRICA NORTE

Estados Unidos -
Inspetoria S. Francisco 1.000.000

ÁSIA

Índia -
Inspetoria-Dimapur 1.000.000

Índia -
Inspetoria-Gauhati 1.000.000

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS 49

EUROPA

Bélgica Norte	7.833.750
Alemanha - Inspetoria Colônia	3.420.000
Oriente Médio - Alexandria-Egito	700.000

b) INSPETORIAS E OBRAS
BENEFICIADAS

AMÉRICA LATINA

Argentina - Buenos Aires: 2 Bolsas para Curso Form. Perm.	1.250.000
Argentina - Bahía Blanca: 1 bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Argentina - La Plata: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Argentina - Rosario: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Bolívia - S. Cruz; oferta ao Santuário Mariano	2.000.000
Brasil - Campo Grande: para o Centro Social Paulo VI	1.000.000
Brasil - Campo Grande: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Brasil - Porto Alegre: 2 Bolsas para Curso Form. Perm.	1.250.000
Brasil - São Paulo: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
América Central - San Salvador: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000

Chile - Santiago: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	1.000.000
Colômbia - Bogotá: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
México: para as Irmãs indígenas para as vocações	722.500
Paraguai - Assunção: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Peru - Lima: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Peru - Lima: para Bolsa de Estudo	900.000
Uruguai - Montevidéu: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000

ÁSIA

Filipinas - Parañaque: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Índia - Bangalore: 1 Bolsa para Curso Form. Perm.	625.000
Índia - Calcutá-Azimganj: para o internato	1.000.000
Índia - Calcutá-Birmânia- -Anisakan: para a Casa de formação	1.428.000
Índia - Dimapur-Senapati: para cobrir o telhado de 3 capelas em Nagaland	2.000.000
Índia - Dimapur- -Senapati: para Curso Form. Perm.	625.000
Índia - Gauhati- -Namdong: para reconstruções após um incêndio	1.000.000

EUROPA

Jugoslávia - Zagreb: para 1 Bolsa Curso Form. Perm.	625.000
Itália - Subalpina: à S. A. F. para promoção películas missionárias	1.000.000
Polónia - Wroclaw: para 1 Bolsa Curso Form. Perm.	625.000
Espanha - Valencia: para as vítimas das inundações	3.000.000
Espanha - Madri: para um missionário	67.000

O nosso pequeno mundo de 1983

Se o mundo fosse uma aldeia de 1.000 habitantes, 60 seriam norte-americanos, 80 sul-americanos, 210 europeus e 564 asiáticos.

Se o mundo fosse uma aldeia de 1.000 habitantes, 700 seriam de cor e 300 brancos e cerca de 300 cristãos.

Se o mundo fosse uma aldeia de 1.000 habitantes, 60 pessoas ganhariam metade da renda real, 500 iriam dormir com fome. 690 viveriam em barracos e 700 seriam analfabetos.

Se fosse a nossa aldeia, procuraríamos de certo mudá-la. Mas é justamente a nossa aldeia, porque este é o nosso mundo.

(do "New Leader")

20 de junho de 1982)

5.5 Ruggiero Pilla

Roma, Festa da Imaculada 1982

*Reverendíssimo Reitor-Mor
P. Egidio Viganó*

não lhe é por certo inesperado este meu pedido, porque o senhor

e os membros do Conselho Superior foram há tempo informados de quanto com a presente estou para pedir-lhe oficialmente.

O senhor sabe que rezei e refleti longamente, aconselhei-me com pessoas de confiança e competentes, antes de chegar a uma decisão, que é sobretudo solicitada pela minha experiência pessoal no desenvolvimento do trabalho de Ecônomo Geral, especialmente nestes últimos dois anos.

Eis-me, hoje, festa da Virgem Imaculada, a pedir-lhe queira aceitar minha demissão deste encargo, que se torna para mim cada vez mais pesado em virtude da saúde e da idade. Até agora, animado sempre pelo amor à Congregação e a Dom Bosco, fiz o possível para enfrentar todos os compromissos, mas tive de constatar, com profundo desprazer, que já não me é possível continuar assim, quer para não prejudicar o bom andamento do Economato, para o qual se exigem novos e mais vastos trabalhos no âmbito interno e externo da Congregação, trabalhos que devem ser executados com regularidade, oportunidade e exatidão: quer pelas condições do abaixo assinado que, após tantos anos à frente desta complexa atividade, já não tem resistência para cumpri-la adequadamente.

Levei também em consideração a eventual possibilidade de continuar até o próximo Capítulo Geral, mas avaliando bem tudo, na experiência concreta do dia-a-dia, cheguei à conclusão, sempre com pesar, que não conseguiria enfrentar, mesmo à custa da saúde, tal trabalho, ainda por mais de um ano.

Confiando na sua compreensão, agradeço-lhe e aos membros do Conselho Superior, que me de-

monstraram afeto e estima acima dos meus méritos.

Dirijo um pensamento reconhecido a todos os irmãos, particularmente aos de todas as Inspetorias que tiveram comigo relacionamento de trabalho e aos meus colaboradores diretos e indiretos da Casa Geral.

Peço enfim a Nosso Senhor e à Virgem Auxiliadora, cuja ajuda e proteção sempre experimentei, que me concedam poder prestar ainda um serviço à Congregação, se isso estiver na vontade de Deus.

Aceite devotos obséquios com sincera estima.

Af.mo P. Ruggiero Pilla

5.6 Carta do Reitor-Mor, de Belém

Terra Santa, Natal de 1982

Querido Inspetor,

Escrevo-lhe de Belém. É Natal: "Adeste fideles!"

Dizem-me que é a primeira vez que um Reitor-Mor celebra o mistério do nascimento do Salvador justamente em seu torrão natal. É estimulante estar na cidadezinha de José, o justo, o esposo silencioso e sacrificado.

Com ele pensa-se em Maria, a Mãe, reeditando com estupor o Magnificat. Sentimo-nos interpelar pelo amor de um Deus que, ao encarnar-se, fez nascer finalmente o verdadeiro Homem!

Em Belém contempla-se o berço da esperança. Aqui, do calor de uma humilde família, foi lançada nos séculos a vitória do bem e o significado da história.

Em adoração, sinto vivamente que represento todos os irmãos e

toda a Família Salesiana. Com confiança pedi:

— luz e força de fé (para os Animadores, as comunidades formadoras, a UPS);

— maior iniciativa pedagógico-pastoral (na Predileção juvenil, Fecundidade vocacional, Projeto-África);

— co-responsabilidade capitular com Dom Bosco Fundador para o CG22.

Auguro-lhe e aos seus a alegria mariana dos pobres, marcados pelo trabalho e pela temperança, e convocados para crescer em estatura, sabedoria e graça.

Cordiais saudações das Comunidades desta benemérita Inspetoria, tão provada e necessitada de solidariedade e colaboração fraterna: não a esqueça.

Bom Ano a todas as Casas!

Da Gruta do Natal, na Noite Santa.

P. E. Viganó

5.7 Notícias missionárias

1. Partidas missionárias em 1982

A expedição missionária de 1982 foi a 112.^a da história das missões salesianas, com um número de participantes excepcional para estes tempos: 85 irmãos. É preciso recuar 18 anos para encontrar um número superior, isto é, em 1965, quando partiram 96 irmãos. Este ano assinala além disso o recorde de missionários para a África: 64 ao todo. Assim o número de voluntários que até agora participaram no "Projeto África" subiu a 195. Dos 85 que partiram em 1982, os sacerdotes eram 56, os coadjutores 16 e os clérigos 12.

Proveniência

Eles provêm de 19 países de quatro continentes.

A *Europa* deu 64 missionários, provenientes dos seguintes países: Itália 23; Espanha 13; Polônia 12; Tcheco-Eslováquia 4; Bélgica 3; Alemanha 3; França 2; Portugal 2; Irlanda 1 e Jugoslávia 1.

A *América* contribuiu com 9 missionários de seis nações: Argentina 3; Brasil 2; Chile 1; Colômbia 1; Uruguai 1; Estados Unidos 1.

A *Ásia* participou com 11 irmãos, dos quais 8 da Índia e três das Filipinas.

A *África* enviou um irmão rwan-dense a Camarões.

Destinos

Para a *África* partiram 64 missionários, distribuídos nos seguintes países: Zâmbia 12; África Central 9; Nigéria 6; Angola 5; Etiópia 5; Tanzânia 5; Camarões 5; Quênia 4; Costa do Marfim 3; Senegal 3; Togo 3; Guiné Equatorial 1; Marrocos 1; Sudão 1 e Swazilândia 1.

A *América* acolheu 12 novos missionários: Argentina 1; Bolívia 3; Brasil 1; Colômbia 2; Equador 2; México 1; Paraguai 1 e Uruguai 1.

Foram destinados à *Ásia* 9 missionários: Filipinas 1; Coreia 1; Macau 2; Papua-Nova Guiné 3 e Timor 3.

2. Projeto África

Sobre o "Projeto África" não existem novas informações, a não ser que em Camarões, Etiópia, Nigéria e Zâmbia os novos chegados estão freqüentando curso de língua antes de entregar-se ao trabalho missionário direto.

Em Meheba, Zâmbia, dois dos nossos irmãos poloneses trabalham num campo de refugiados que falam português.

Apresentamos aqui um pequeno quadro dos irmãos que, segundo as informações recebidas, partiram para as missões desde o CG21, embora sabendo que alguns poderão escapar aos nossos cálculos.

1978	48	dos	quais	17	para a	África
1979	36	dos	quais	18	para a	África
1980	79	dos	quais	51	para a	África
1981	67	dos	quais	45	para a	África
1982	85	dos	quais	64	para a	África

TOTAL 315 dos quais 195 para a África.

Como conclusão desta relação trimestral, destacamos um trecho de uma carta de Dom Versiglia, escrita em 1890 ao P. Barberis e citada pelo P. Guido Bosio no seu livro: "Martiri in Cina" (p. 20); ele causará certamente satisfação aos missionários, sobretudo na África, e estimulará outros irmãos a viver intensamente o ideal missionário.

"... Quando o Sr. P. Rua na academia da Imaculada falou da África e de outros lugares, acendeu-se sempre mais o desejo de ir para a África. Esse desejo por algum tempo interessou-me de tal modo que me invadia na igreja, na aula, no recreio e também na cama... ofereci diversas vezes, especialmente diante da tumba do nosso Pai, minha vida a Nosso Senhor, de maneira a ajudar de alguma maneira os que partissem para a África, com o sacrifício

imediatamente da minha vida, ou também permanecendo escondido por toda a vida em alguma oficina ou em qualquer outro encargo humilde, que Nosso Senhor me viesse a confiar”.

De 15 a 22 de maio haverá em Roma um encontro entre os representantes dos missionários e das Inspetorias envolvidas diretamente no “Projeto África”. Transcrevemos a carta de convocação:

- a) Aos Inspetores
- b) Aos irmãos missionários.

Roma, 24 de julho de 1982

Caríssimo Senhor Inspetor,

Sob os auspícios do Reitor-Mor, haverá aqui em Roma no próximo maio (15-22), um encontro durante o qual o “Projeto África” estará no centro da nossa atenção.

Cerca de 25 irmãos, empenhados ativamente no Projeto, serão convidados a participar nele. Com eles estarão também alguns Inspetores.

A cada irmão que trabalha na África será enviada uma carta para informá-lo do futuro encontro. Juntaremos a ela um questionário que deverá ajudar cada membro a dar a sua contribuição para preparar a relação pedida à sua comunidade.

Esperamos uma relação que reflita a experiência da comunidade missionária e auguramos poder assim tirar dessas informações argumentos e problemas para a discussão durante o encontro.

Cabe ao senhor decidir qual missionário deva participar nessa reunião de maio. Ele poderia ser solicitado a apresentar a sua relação à assembléia. O Dicastério para as Missões pensará em pagar as despesas de viagem.

Ser-lhe-ia grato se pudesse fazer chegar até nós, até 31 de janeiro de 1983, o nome do missionário escolhido para representar a sua comunidade africana.

Estou certo de que o senhor nos ajudará com a sua oração a preparar este encontro, que consideramos de certa importância para o desenvolvimento da nossa presença na África.

Faça com que a sua comunidade, ou as suas comunidades na África cooperem do melhor modo possível para preparar a relação. Ajude-nos também enviando-nos alguma fotografia ou outro material que possa servir para ilustrar o maravilhoso trabalho que eles estão fazendo para a glória de Deus, para o bem dos nossos irmãos africanos, na realização do zelo missionário do nosso Pai Dom Bosco.

Tratadamente em Cristo,

P. Bernardo Tohill

Roma, 24 de julho de 1982

Caríssimos irmãos missionários na África

O “Projeto África”, promovido pelo Capítulo Geral 21, acha-se em pleno desenvolvimento e foste escolhido pelo Senhor para dar generosa contribuição. A empresa é grandiosa, e ao mesmo tempo constitui uma grande responsabilidade para a Congregação, se se considerar que no espaço de 4-5 anos já foram enviados à África cerca de 200 irmãos e foram fundadas 35 novas comunidades em 15 novos países.

Por isso, apesar de estarmos ainda no começo do compromisso assumido, julgamos chegado o momento de promover um encontro entre os representantes da nova

presença salesiana na África. O Reitor-Mor deseja-o vivamente porque pensa que se podem obter úteis resultados.

Desse encontro:

1) poder-se-ão recolher diretamente dos irmãos informações precisas sobre a orientação das obras existentes;

2) poder-se-á estudar, confrontar e criticar oportunamente as experiências feitas;

3) poder-se-ão obter orientações seguras sobre quanto respeita ao prosseguimento e desenvolvimento das nossas atividades.

Os dados que emergirem desse encontro poderão ser apresentados ao próximo Capítulo Geral e ser objeto de uma discussão mais responsável e aprofundada.

O encontro programado terá lugar na Casa Geral de 15 a 22 de maio de 1983.

Nele participará um representante para cada um dos 15 países em que foram promovidas obras do "Projeto África". Tal representante será escolhido pelo Inspetor. Serão convidados também representantes de alguns países em que existiam obras antes do "Projeto África".

Para o bom êxito do encontro é absolutamente necessário que as comunidades estudem com todos os irmãos as experiências feitas e os problemas vivos da própria missão e preparem uma relação breve e clara.

Cada comunidade deverá enviar essa relação até o fim de janeiro de 1983 ao Dicastério das Missões; poderá ser em italiano, inglês, espanhol, português, francês.

O irmão que quiser enviar sua relação pessoal, além daquela da comunidade, pode fazê-lo.

Para facilitar a preparação da relação, junta-se à presente um *Questionário* no qual estão os pontos principais sobre os quais se poderá concentrar a reflexão dos irmãos. Não se exclui que possam ser estudados outros pontos e apresentados outros problemas. O *Questionário* é um instrumento de trabalho, útil também para dar certa unidade às Relações.

Da análise das Relações que chegarem de todas as missões, o Dicastério das Missões extrairá um conjunto de temas e problemas que deverão ser tratados no encontro e os elementos para a relação básica sobre a qual se desenvolverá a discussão geral.

Caríssimos irmãos, enquanto nos alegamos com as notícias sempre entusiastas que nos chegam sobre a grande empresa missionária em terras de África e sobre o vosso generoso trabalho, peço-vos tomardes em séria consideração a proposta do encontro de que vos falei, de fazer a reflexão comunitária pedida e de enviar ao Dicastério contribuições válidas para melhorar cada vez mais o nosso empenho missionário.

Que o Senhor abençoe o vosso apostolado.

Uma saudação cordial minha e de todos os membros do Conselho Superior.

Fraternamente em Cristo,

P. Bernardo Tohill

5.8 Família Salesiana e Comunicação Social

1. Comissão Universidade Pontifícia Salesiana (UPS)-Família Salesiana

A comissão, constituída após a visita de conjunto do Conselho

Superior à Opera PAS e à UPS, é composta pelos representantes da Delegação, da Universidade e dos vários grupos da Família Salesiana para estudar como acolher, assistir, ajudar e incrementar o número dos membros leigos da Família Salesiana que vêm a Roma para frequentar cursos de espiritualidade e de pedagogia na nossa Universidade. Na primeira reunião, dia 8 de novembro, examinaram-se os vários aspectos do problema para buscar-lhe a solução global.

2. *Junta Confederal dos Ex-alunos*

Foi particularmente importante a reunião de 27 de novembro, para a programação do próximo Congresso (26 de setembro — 1.º de outubro de 1983) dos Presidentes e Delegados Nacionais dos Ex-alunos a realizar-se no Salesianum, com a intervenção do Reitor-Mor.

3. *Reunião dos Diretores das Casas Salesianas da Itália*

Todos os Diretores se reuniram por iniciativa da Conferência dos Inspetores Salesianos da Itália (CISI) em três turnos, no Salesianum de Roma, para estudar a animação das comunidades segundo o *Manual do Diretor*. Aos cuidados do Dicastério foi desenvolvido o tema da animação da Família Salesiana e da promoção das Comunicações Sociais, nos dias 4, 10, 18 de dezembro de 1982.

4. *Comissão para a informação salesiana*

Este organismo consultivo, instituído no âmbito do Secretariado para as Comunicações Sociais, tem a tarefa de individualizar os temas que interessam à Família Salesiana, no seu todo e nos seus grupos, para inserir-los no programa do Boletim Salesiano e do ANS e re-

comendá-lo também à informação dos vários grupos da Família, representados na Comissão por pessoas enviadas pelos responsáveis de cada grupo. O coordenador é o P. Marco Bongioanni e Secretário o Dr. Tommaso Natale. Fazem parte, além do P. Raineri, P. Segneri e os membros do Secretariado, as representantes das FMA, Ir. Michelina Secco e Ir. Giuliana Accornero; das Voluntárias, Prof.ª Dora Pandolfi; dos Cooperadores, P. Mário Cogliandro e o Dr. Di Tommaso; dos Ex-alunos, P. Carlos Borgetti e o Advogado Nicola Ciancio; P. Saverio Stagnoli, Delegado Nacional Italiano das Comunicações Sociais, e ainda peritos chamados vez por vez.

Já se reuniu duas vezes: nos dias 20-21 de novembro e 9-10 de janeiro. Foram destacados como argumentos de comum interesse para a informação salesiana nos próximos meses, a lembrança do Reitor-Mor, o Ano da Comunicação Social, Comemoração do ano 50.º da Canonização de Dom Bosco; a 2.ª Assembléia Geral das VDB, o Congresso dos Ex-alunos, o 22.º Capítulo Geral dos Salesianos...

5. *Reunião dos Delegados dos Cooperadores*

Os Delegados Inspetoriais dos Cooperadores da Região Europa Norte reuniram-se nos dias 22 e 23 de janeiro de 1983 para uma troca de idéias sobre os problemas e a procura de orientações para a animação dos Cooperadores especialmente jovens nas Inspetorias da Região. Estavam presentes o Conselheiro Regional P. Roger Vanseveren, o Delegado do Reitor-Mor para a Polónia, P. Agostinho Dziedziel, o Conselheiro para a Família Salesiana P. João Raineri. No encontro, organizado e dirigido pelo P. Mário Cogliandro, Delegado Central

dos Cooperadores, estavam presentes os Delegados da Polónia, Croácia, Austria, da Inspeção de Munique, de Lião, de Paris e da Bélgica Norte.

6. *A décima "Semana de Espiritualidade da Família Salesiana"*

Realizou-se no Salesianum de Roma de 23 a 29 de janeiro de 1983. Teve como tema: "A Direção Espiritual na Família Salesiana", isto é, para os animadores e os membros dos vários grupos. Estiveram presentes de todo o mundo Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Voluntárias de Dom Bosco, Cooperadores, Ex-Alunos, Salesianas Oblatas do Sagrado Coração, Caritas Sisters de Miyazaki, Apóstolas da Sagrada Família: cerca de duzentas pessoas ao todo. A Semana teve particular importância também porque tinha como tema o escolhido pelo Reitor-Mor como "strenna" para 1983, ao qual os relatores pontualmente se reportaram.

Após haver feito em longos traços a história da direção espiritual na Família Salesiana (P. Carlos Colli, Ir. Maria Ester Posada, FMA; P. Pascoal Liberatore, SDB) passou-se a estudar sua prática nos conteúdos e nos métodos (P. Jacques Schepens e P. Luciano Cian) e em algumas circunstâncias particulares. (P. Guido Gatti, P. Benjamim Listello, e Ir. Maria Pia Giudici, FMA).

O P. José Strus falou da direção espiritual e do sacramento da Reconciliação e o P. Pedro Brocardo do "colóquio".

Sobre o colóquio apresentaram experiências respectivamente pelos Salesianos (P. Renato Cautero), pelas FMA (Ir. Michelina Secco), pelas VDB Sr.^{ta} Gianna Marti-

nelli). Dois cônjuges Ex-alunos e Cooperadores, Srs. Fernanda e Lanfranco Masotti deram testemunho da mútua ajuda espiritual entre eles. A série das intervenções encerrou-se com a apresentação dos lineamentos do diretor espiritual salesiano (P. Joseph Aubry). Falou depois o Reitor-Mor, com oportunas considerações sobre as características mais salientes da direção espiritual salesiana como harmonização do seu aspecto pessoal e comunitário na Igreja e na Família Salesiana. As conclusões, muito ricas, foram apresentadas à votação pela Assembléia pelo P. João Raineri, que na introdução havia evidenciado alguns problemas que pontualmente se apresentaram durante a semana.

Deveriam sair logo os *Atos*, porque se julga que eles ajudarão o aprofundamento da reflexão sobre a *Strenna* do Reitor-Mor.

7. *A Comissão Internacional dos Editores Salesianos (CIES)*

Organizada após o encontro de Caracas (maio de 1980) e aprovada pelo Conselho Superior, ela tinha como escopo promover a formação dos quadros dirigentes das editoras salesianas, estimular a colaboração entre eles em todo o mundo, criar um órgão de informação da atividade editorial salesiana e a um serviço de consultoria técnica, jurídica e financeira.

Na reunião de 14-15 de fevereiro de 1983, estavam presentes, com o P. João Raineri e P. Ettore Segneri, Delegado do Secretariado Central Salesiano das Comunicações Sociais, P. Francisco Meotto (Turim — SEI), P. Carlos Garulo (Barcelona — EDB), P. Rafael Mañas (Buenos Aires, EDBA), P. Ralfy Mendes de Oliveira (São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco).

Após a verificação das atividades desenvolvidas até agora (especialmente pelo último "Simpósio" no qual se decidiu a publicação dos Atos com as "fichas" sobre a situação das editoras salesianas) resolveu-se estimular, com oportunas iniciativas, as editoras salesianas a sublinhar o 50.º aniversário da canonização de Dom Bosco. Decidiu continuar também este ano a tradição dos "simpósios internacionais de editores salesianos". Quanto aos "Simpósios", dado o êxito dos primeiros dois, pensou-se em uma reunião dos editores da Ásia, que não puderam participar nos precedentes simpósios, a fim de colocá-los a par das atividades desenvolvidas em Turim e em Barcelona. A reunião deveria realizar-se no fim de junho em localidade e com programa a serem estabelecidos. Outra reunião, para a área ocidental (compreendida a América do Norte e a América Latina) deveria ter lugar pelo fim do ano na Cidade do México para o estudo dos problemas da direção editorial, da gestão financeira e das novas tecnologias. Para favorecer também os participantes mais distantes, a Comissão Internacional dos Editores prevê, além de eventuais ajudas a serem recebidas, a divisão proporcional das despesas de viagem entre todos os participantes.

Para melhorar a informação, a CIES fará sair proximamente o primeiro número de um "Bollettino Informativo Editori Salesiani"; além das notícias do setor, o Boletim será também porta-voz de orientações que os serviços pastorais centrais da Congregação e da Família Salesiana julgarem úteis para a atividade editorial salesiana. Por fim discutiu-se um plano de reestruturação da Comissão para sua larga representatividade e melhor funcionamento.

Orientações para os Editores Salesianos

*P. João Raineri,
Barcelona (Espanha), 7.10.1982*

Creio que, depois das coisas ditas ano passado e que estão no *Atos* louvavelmente publicados pela SEL, especialmente depois da carta do Reitor-Mor (ACS, n.º 302), não seja necessário um longo discurso, mas talvez seja útil insistir sobre algumas idéias, algumas orientações que dizem respeito ao argumento particular que se estudou neste encontro, ainda que não sejam todas da mesma importância, relevo e urgência, mas no seu todo podem dar alguma diretriz de ação para o futuro imediato e alguma confirmação para as resoluções do encontro.

1.1. Está acontecendo um aumento de interesse da Congregação — e da Família Salesiana — pela atividade editorial.

Pode-se tomar como dado emblemático de tal tendência o Capítulo Geral 19 (CG19), que fez eco à *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano e de aspirações largamente difundidas na Congregação além da obra do P. Luís Ricceri. Naquele fervor de renovação de interesse, lembrava-se quanto havia feito Dom Bosco e como ele possuía um programa bastante claro (cf. *Epistolario*, IV, 19.3.1885), enquanto ainda no Capítulo Geral Especial (CGE) podia-se afirmar que "faltava uma programação orgânica" neste campo (CGE, 451).

1.2. Está acontecendo também uma reavaliação da atividade editorial dentro das várias outras atividades de comunicação social.

Tempo houve em que profetas baratos prediziam o desaparecimento, ou pelo menos a perda

decisiva de importância da atividade editorial e da imprensa face à prevalência dos outros instrumentos de comunicação que pareciam mais eficazes e facilmente utilizáveis. Hoje, ao invés, vê-se que tais instrumentos não substituem a imprensa nem as edições, mas que existe até um aspecto de complementaridade entre eles e que será ótimo colocá-los lado a lado e coordená-los num projeto unitário. Prova disso é o fato de que também entre nós existe a tendência de colocar lado a lado as duas atividades e as duas produções. Pode-se até dizer que o aparecimento de outros "media" ajudou a imprensa a determinar melhor suas funções e seu campo de difusão, seus destinatários (cf. os Capítulos Gerais últimos 1965, 1972, 1978: trata-se juntamente de todos os "media" e se dá sempre relevo à imprensa e sua importância).

1.3. *O relançamento da atividade editorial atinge profundamente a renovação e a atualização da nossa vocação e missão, é sua parte integrante.*

Quando apelamos para Dom Bosco e para a tradição salesiana, não é necessário cometer o erro de acreditar que é somente por um sentimento de admiração e piedade filial ou de admiração por tudo o que ele fez: não se toca o conceito que ele tinha da sua missão juvenil e popular, como o demonstram muitas afirmações suas, por exemplo quando diz que ela é "um dos fins principais da nossa Congregação". Ora, se nos pusermos a ler as orientações dos últimos Capítulos Gerais, as *Constituições* e os *Regulamentos* sucessivamente modificados e a recente carta do Reitor-Mor sobre a Comunicação Social "que nos interpela" (ACS, 302), percebe-se como este relançamento é fruto do trabalho de re-

novação conciliar da vocação salesiana. Encontra-se aí a típica "fidelidade" dinâmica que está na base da renovação da Igreja e de todas as instituições eclesiais:

- *fidelidade dinâmica ao Evangelho*, que significa dar-lhe, com os novos instrumentos, a possibilidade de realizar hoje a comunicação da salvação iniciada com a encarnação de Jesus comunicador, que arregimenta comunicadores, e envia-os;

- *fidelidade dinâmica a Dom Bosco*, que viu nessas atividades meios privilegiados para a sua missão, empregou-os, deixou-os em herança aos seus filhos, pedindo que desenvolvessem o que ele mal havia iniciado, mas com magnanimidade e coragem que deixaram pasmados os contemporâneos.

- *fidelidade à Igreja*, que ajudou a formação de uma tecnologia e de uma pastoral da comunicação social e criou organismos e programas para a coordenação e a promoção de tais atividades, e chamou para elas de modo especial os religiosos e suas famílias espirituais e não deixou, em documentos oficiais, de lembrar aos Salesianos essa atividade típica do seu fundador;

- *fidelidade dinâmica ao nosso tempo*, como Dom Bosco foi fiel ao seu; os destinatários da sua missão, jovens e classes populares, são os mais condicionados e também os mais facilmente acessíveis à comunicação social, à atividade editorial, à imprensa. Dom Bosco, que o havia percebido como um perigo, reagiu de modo positivo: em vez de lamentar os desastres da má imprensa pensou em favorecer a boa. Hoje a comunicação social tem um peso ainda mais determinante do que então para educadores, pastores, promotores de cultura (cf. CG19, p. 172, e).

1.4. *A fidelidade a Dom Bosco e a missão com os seus destinatários ajudam também a determinar as áreas do empenho editorial salesiano: são as que interessam os destinatários que para Dom Bosco não eram somente os jovens das suas atividades e obras, mas em geral todos os jovens e todos os que pertenciam às classes populares: a atividade editorial dilata a missão salesiana!*

Nenhum dos documentos salesianos sobre o assunto a partir do CG19 limita a área da atividade editorial salesiana à catequese, à pastoral juvenil, à área educativa, às edições religiosas de devoção ou também de cultura religiosa, ou fala de uma atividade editorial em apoio às nossas atividades e obras exclusivamente. A circular de 19.3.1885 enumera tais áreas que podemos ver lembradas em documentos recentes, desejando diretrizes claras sobre o assunto. Já o CG19 mencionava a necessidade de editar e difundir "livros de texto, de leitura, ciências, de história e cultura vária, que hoje se encontram muito difundidos também em ambiente populares... produzam-se coleções adequadas; lembrem-se a este propósito as coleções editadas por Dom Bosco" (CG19, p. 174, c). Ainda mais claramente o CGE, reportando-se à tradição salesiana de Dom Bosco, constata um fato que se torna uma norma: "Atualmente a atividade salesiana em campo editorial concentra-se:

- numa *imprensa de apoio* ao nosso apostolado (como o Boletim Salesiano e outras publicações que apóiam diversas iniciativas para o bem):

- sobre os *periódicos* que se propõem orientar e difundir uma visão cristã da vida;

- sobre a *imprensa especializada* (catequese, pastoral juvenil etc.);

- enfim sobre os *livros escolares e culturais*, para fazer penetrar a mensagem evangélica no mundo da escola e do pensamento" (CG 451).

Queria somente fazer alguns destaques a este ponto:

- 1) não é conforme ao pensamento de Dom Bosco e à tradição salesiana descuidar o campo cultural vastíssimo que hoje se chama "varia", chave de abóbada de uma operação cultural hoje;

- 2) não é conforme ao pensamento de Dom Bosco fazer uma atividade exclusivamente a serviço de atividades salesianas já existentes: as edições devem abrir-se a campos mais vastos...

- 3) caso haja situações de falta de meios ou de pessoal ou de mercado, conviria estudar um plano para resolver tal situação e "abrir" à completa realização do empenho editorial como queria Dom Bosco.

1.5. *Não obstante as dificuldades que alguma vez experimentou também neste campo, a atividade editorial de Dom Bosco desenvolve-se sempre em harmonia com as diretrizes da Igreja (Papa e Bispos), mesmo sofrendo as consequências disso. É uma das grandes diretrizes da Congregação no relançamento editorial.*

Isso era relativamente fácil no tempo de Dom Bosco, porque também dentro da Igreja não existia o pluralismo de opiniões sustentáveis, ao menos em alguns campos, como nos nossos dias. Hoje é necessário um maior discernimento, é permitido o diálogo preventivo ou subsequente com o qual se resolvem muitas dúvidas. Além disso, existem muitas iniciativas e

organismos da Igreja com as quais é mister colocar-nos em relação.

Os nossos documentos lembram estas linhas de ação:

- ligação com os organismos promocionais e orientadores da Igreja;
- colaboração em empreendimentos comuns com outros operadores editoriais;
- respeito das normas e diretrizes;
- oferta de serviços à Igreja universal e local ou adesão a pedidos (cf. CG19, 173, e; CGE, 446/449).

2.1. *De Dom Bosco se disse que descobria e preparava escritores e editores com os irmãos que demonstravam dotes; na renovação uma das urgências mais sublinhadas é a formação que hoje começa da formação de receptores da comunicação social, e se completa na formação de pessoal especializado para o ensino, a promoção, a produção, a difusão.*

Nota-se nisto como uma constante dos últimos três Capítulos Gerais que afirmam ser este o campo mais importante: descobrir gente idônea, prepará-la, empregá-la não só entre os Salesianos, mas também entre os membros da Família Salesiana e os leigos. Vejam-se as afirmações de:

CG19: p. 171, c; 171, h; 173, a

CGE: nn. 454; 455

CG21: n. 151. Estas afirmações a nível teórico encontraram formulações operacionais nos Regulamentos Salesianos e nas normas da *Ratio Institutionis* destacando a responsabilidade dos Inspectores e das comunidades formadoras (CG21, nn. 429/430).

2.2. *Outra constante nas diretrizes de renovação da atividade editorial e da comunicação social é o envolvimento dos leigos, especialmente dos da Família Salesiana.*

Sabe-se como Dom Bosco empenhou os coadjutores e como o Reitor-Mor atual aluda a isso de novo como a um campo particularmente próprio deles (cf. ACS, 302). Sabe-se também que Dom Bosco chamou para isso os Cooperadores Salesianos (*Regul. coop.* IV, 3) e via na variedade da sua família uma rede articulada de difusão. Nas intervenções orientadoras de 1965 a hoje, esse apelo é uma constante. É interessante ver como o relançamento da Família e da comunicação social foi confiado sempre ao mesmo responsável nestes últimos tempos (cf. CG19, p 24, b) não obstante as contínuas modificações do relativo encargo. O atual Reitor-Mor vê nisto a realização de um pensamento profundo de Dom Bosco, que, para alargar a sua missão, criou um vasto movimento de pessoas — a Família Salesiana — e o apostolado editorial (ACS, 302). Julgo serem muito atuais as expressões do CG19: ...“chamem-se... os Cooperadores, os Ex-alunos, os Professores, as Voluntárias de Dom Bosco, as Filhas de Maria Auxiliadora... todas as forças que for possível encontrar...” (CG21, p. 172, f). Muitos documentos da Igreja sublinham que a área cultural é específica dos leigos, e, portanto, a comunicação social os interpela. É este também o pensamento do Reitor-Mor (ACS, 302; id. 304).

2.3. *A experiência e a tradição chamam a atenção sobre a necessidade de zelar de modo particular pela difusão com pessoal e estruturas adequadas.*

É interessante ver o pensamento de Dom Bosco neste setor par-

ticular de atividade como o exprime, p. ex., na famosa circular de 19 de março de 1885. Sua praxe é ainda válida. Procura mobilizar todos os grupos e os membros da sua Família Espiritual especialmente na difusão, porque há aí trabalho apostólico para todos e porque assim se atinge uma capilaridade de difusão importante. E no que respeita às estruturas lembramos as associações de “correspondentes”, a criação de livrarias onde quer que seja possível, a fundação de editoras também nos países fora da Itália: esta é uma constante da difusão da obra salesiana. É neste setor de “difusores, propagandistas” que o CG19 vê de preferência empenhados os membros da Família. Nas linhas diretivas dos últimos Capítulos Gerais sublinham-se outros modos de incrementar a difusão: a criação de coleções diferenciadas para as diversas categorias de destinatários, a criação de clubes do livro, de círculos de leitura, a conciliação da dignidade da apresentação (uma exigência sempre mais sentida em toda a parte) e a modicidade dos preços, particularmente importante para a maioria dos nossos destinatários. Hoje a distribuição tornou-se uma técnica particularmente desenvolvida e certamente Dom Bosco “para estar na vanguarda” se serviria dela nos limites do possível.

2.4. *Dom Bosco perseguiu também, segundo as possibilidades de que dispunha, a ligação internacional das suas atividades editoriais, dando assim uma indicação também para a tradição e para nós.*

Após um período de exasperação das diferenças entre as várias culturas para salvar-lhes a especificidade e os valores, hoje, enquanto elas estouram por dentro, sente-se mais a exigência do diá-

logo para um enriquecimento recíproco no respeito mútuo, mas também na comunhão, um valor particularmente importante para cristãos. Sabe-se o que fez a seu tempo Dom Bosco e qual a estrada que a Igreja percorre. Além de entrar nesta perspectiva cultural de uma rica complementaridade, a ligação entre as iniciativas de uma mesma área cultural e entre as de todas as áreas culturais em que opera a atividade editorial salesiana pode ser também uma ajuda para melhorar o nível técnico e cultural nos países em desenvolvimento, para dar maior segurança e amplitude à informação mútua, para dar maior dignidade à imprensa salesiana dentro da atividade editorial católica e da atividade *tout court*. Trata-se de observar as claras diretrizes dos nossos últimos Capítulos Gerais (CG19 p. 172, d; CGE, 461; CG21, 152, f). Já se deram alguns passos com as reuniões, com a criação da comissão técnica, com a instituição do “Don Bosco International” (dBi); mas resta muito a ser feito.

2.5. *As atividades de comunicação social e portanto também editoriais, devem-se considerar de pleno direito “atividades salesianas”, como provam o pensamento e a praxe de Dom Bosco, a nossa tradição, as Constituições, os Regulamentos, as orientações dos Capítulos Gerais e a recente carta do Reitor-Mor (ACS, 302).*

De aí algumas conseqüências muito importantes como:

- os irmãos que nela trabalham realizam em plenitude a sua vocação e missão salesiana;
- tais irmãos não escolhem por própria iniciativa essa atividade, mas devem considerar-se enviados pela comunidade salesiana — mundial, inspetorial ou local — (cf.

Constituições, art. 34) com verdadeiro mandato de obediência religiosa, e a ela devem referir-se para os programas, a preparação, os meios de que têm necessidade para o seu trabalho;

- onde haja condições, é bom reunir esses irmãos em comunidade de vida e de trabalho, estruturada como uma verdadeira comunidade religiosa salesiana, que garantirá aos seus membros a possibilidade da vida religiosa, a facilitação do apostolado e garantirá assim também maior eficácia da missão.

2.6 Como as atividades editoriais exigem notável esforço eco-

nômico além de pessoal atualizado e têm exigências de meios de investimentos particulares para a manutenção e desenvolvimento, os superiores competentes, com os seus Conselhos, estudarão com atenção, normas, estatutos e estruturas que, enquanto deixam com confiança a desejável liberdade de ação aos responsáveis pela maior eficiência das editoras, centros de produção, estruturas de difusão — lembrando sempre a magnanimidade de Dom Bosco neste setor específico — providenciem, porém, os devidos controles e intervenções previstos pelas nossas Constituições e Regulamentos.

5.9 Irmãos falecidos

“Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo. Trabalharam em nossa Congregação, e muitos ainda sofreram até o martírio (...) Sua lembrança é para nós estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. art. 66).

P Albizuri Manuel (ING) a. 57	* Azcoitia (Spagna) San Vicente dels Horts (Spagna) Barcelona (Spagna)	23.09.25 16.08.43 29.06.53
	† Nongstoin (Índia)	9.10.82
P Angelini Pasquale (IRO) a. 85	* Monteleone (Perugia) Genzano (Roma) Frascati (Roma)	14.06.97 12.01.21 20.09.24
	† Roma	5.01.83
S Baginski Wojciech (PLE) a. 26	* Grabowo (Polonia) Czerwinsk (Polonia)	24.01.56 22.08.77
	† Olsztyn (Polonia)	5.08.82
L Beckers Hubert (BES) a. 73	* Tirlemont (Belgio) Groot-Bijgaarden (Belgio)	2.04.09 28.08.29
	† Liège (Belgio)	19.11.82
P Bertellotti Manfredo (ILT) a. 72	* Stazzema (Lucca) Castel de Britti (Bologna) Torino	26.09.09 27.09.25 7.07.35
	† La Spezia	4.01.83
P Biavati Cadmo (IRO) a. 70	* Bologna Genzano (Roma) Roma	13.04.12 8.09.28 26.07.36
	† Roma Fu Ispettore per 2 anni	31.12.82
L Bonato Fabiano (ILT) a. 86	* S. Giorgio di Perlana (Vicenza) Chieri (Torino)	16.04.96 25.09.26
	† S. Giorgio di Perlana (Vicenza)	2.09.82
P Branchesi Luis (ACO) a. 69	* Rosario (Argentina) Vignaud (Argentina) Córdoba (Argentina)	1.04.13 25.01.30 27.11.38
	† Córdoba (Argentina)	2.06.82
P Buglione Clemente (IRO) a. 75	* Roma Genzano (Roma) Terni	10.02.07 12.09.23 24.06.33
	† Velletri (Roma)	9.12.82
P Butler Mullane John (IRL) a. 63	* Millstreet (Irlanda) Beckford (Gran Bretagna) Blaisdon (Gran Bretagna)	8.06.19 31.08.40 16.07.50
	† Nenagh (Irlanda)	19.01.83

64 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Cammarata Giuseppe (ISI) a. 75	* Leonforte (Enna)	28.02.08
	S. Gregorio (Catania)	25.10.24
	Catania	19.03.33
	† Randazzo (Catania)	12.01.83
L Cavaglieri Antônio (ISA) a. 70	* Osilo (Sassari)	3.02.12
	Creman (Israele)	7.11.34
	† Cagliari	23.11.82
L Cavallin Marco (CIN) a. 68	* Solagna (Vicenza)	4.02.14
	Hong Kong (Cina)	11.01.35
	Shanghai (Cina)	29.01.44
	† Hong Kong	28.12.82
P Ceriale Domingo (ACO) a. 85	* La Plata (Argentina)	17.04.97
	Bernal (Argentina)	27.01.23
	Córdoba (Argentina)	11.03.28
	† Mendoza (Argentina)	13.11.82
P Collinson Thomas (GBR) a. 94	* Salford (Gran Bretagna)	1.10.88
	Burwash (Gran Bretagna)	18.09.20
	Torino	11.07.26
	† Manchester (Gran Bretagna)	14.01.83
P Craviotto Lazzaro (ILT) a. 71	* Vado Ligure (Savona)	24.06.11
	Strada Casentino (Arezzo)	22.09.28
	Torino	3.07.28
	† Genova	23.01.83
P Esposito Francesco (IME) a. 86	* Cosenza	14.02.96
	Portici (Napoli)	12.09.23
	Castellammare (Napoli)	12.03.32
	† Brindisi	24.12.82
P Favini Guido (ISU) a. 84	* Varallo Pombia (Novara)	31.05.98
	Foglizzo (Torino)	21.10.16
	Torino	10.06.22
	† Torino	6.01.83
L Filipiak Jozef (PLO) a. 83	* Jasna Podlupien (Polonia)	27.01.99
	Czerwinsk (Polonia)	20.07.29
	† Marszałki (Polonia)	25.11.82
P Fonfria Esteban (SVA) a. 75	* Barcelona (Spagna)	19.09.07
	Barcelona (Spagna)	19.07.25
	Madrid (Spagna)	17.06.34
	† Zaragoza (Spagna)	14.12.82
P Fracek Albin (PLE) a. 51	* Chelmiec (Polonia)	18.09.31
	Czerwinsk (Polonia)	2.08.59
	Lad (Polonia)	8.12.71
	† Elblag (Polonia)	16.09.82
P Garín Ricardo (URU) a. 73	* Montevideo (Uruguay)	3.04.09
	Montevideo (Uruguay)	2.02.26
	Montevideo (Uruguay)	27.12.34
	† Villa Colón (Uruguay)	20.05.82

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS 65

P Genero Mario (PER) a. 68	* Laghi (Vicenza) Magdalena (Perú) Santiago (Cile) † Arequipa (Perú)	30.04.14 21.02.34 26.11.44 11.11.82
P Giori José (ABA) a. 67	* Bione (Brescia) Fortín Mercedes (Argentina) Córdoba (Argentina) † Buenos Aires (Argentina)	8.07.15 28.01.39 12.12.82
P Gómez José Calama (ACO) a. 64	* La Alberca (Spagna) S. José Del Valle (Spagna) Madrid (Spagna) † Rodeo Del Medio (Argentina)	13.01.18 10.09.35 15.06.46 16.11.82
P Grzesiak Stanislaw (PLO) a. 70	* Lasocin (Polonia) Czerwinsk (Polonia) Kraków (Polonia) † Poznan (Polonia)	23.02.12 3.08.35 11.06.44 15.03.82
P Guarino Giuseppe (FIL) a. 59	* Palermo La Navarre (Francia) Lyon (Francia) † Victorias (Filippine)	19.08.23 12.11.47 30.06.53 15.01.83
L Hocevar Anton (JUL) a. 57	* Ambrus (Jugoslavia) Skrljego Jugoslavia) † Klagenfurt (Austria)	13.08.25 8.09.43 14.11.82
P Khoury Ibrahim (MOR) a. 62	* Saknin (Israele) Cremisan (Israele) Roma † Haifa (Israele)	10.05.20 11.11.37 13.07.47 10.11.82
P Liviabella Leone (GIA) a. 86	* Corridonia (Macerata) Genzano (Roma) Macerata † Tókyō (Giappone)	20.03.96 15.09.13 8.12.22 27.11.82
P Lomazzi Silvio (CIN) a. 75	* Milano Hong Kong (Cina) Shanghai (Cina) † Hong Kong	24.04.07 8.12.36 29.01.45 29.12.82
P Malewski Alojzy (PLE) a. 79	* Tomaszkowo (Polonia) Klecza (Polonia) Kraków (Polonia) † Olsztyn (Polonia)	1.12.03 12.08.24 29.06.33 23.11.82
P Manenti Giov. Battista (CAM) a. 70	* Fevarzano (Brescia) Ayagualo (El Salvador) San Salvador (El Salvador) † Panamá	11.12.12 24.12.30 29.10.39 29.11.82
P Massa Giuseppe (IRO) a. 77	* S. Giovanni Rotondo (Foggia) Genzano (Roma) Frascati (Roma) † Roma	14.01.05 20.09.22 30.05.31 7.01.83

66 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Mengotti Pietro (IVO)	* Rovigno d'Istria (Jugoslavia)	2.09.22
a. 60	Este (Padova)	19.08.39
	Torino	2.07.51
	† Verona	6.12.82
P Mevis Martin (BEN)	* Bree (Belgio)	20.11.16
a. 66	Groot-Bijgaarden (Belgio)	2.09.37
	Oud-Heverlee (Belgio)	3.02.46
	† St. Pieters-Leeuw (Belgio)	24.12.82
P Motyl Stanislaw (PLO)	* Nienadowka (Polonia)	18.05.16
a. 66	Czerwinsk (Polonia)	2.08.38
	Kraków (Polonia)	11.06.44
	† Bukowice (Polonia)	25.03.82
P O'Byrne Brendan (GBR)	* Dublin (Irlanda)	10.03.18
a. 64	Cowley (Gran Bretagna)	28.03.37
	Blaisdon (Gran Bretagna)	14.07.46
	† Londra (Gran Bretagna)	30.12.82
P Ortega Juan (SVA)	* Barcelona (Spagna)	30.03.94
a. 88	Madrid (Spagna)	29.07.13
	Campello (Spagna)	14.06.24
	† Valencia (Spagna)	1.12.82
P Pandolfi Annideo (IRO)	* Pescasseroli (L'Aquila)	27.01.98
a. 84	Genzano (Roma)	14.09.24
	Castelgandolfo (Roma)	8.09.31
	† Genzano (Roma)	29.11.82
L Papa Vincenzo (IME)	* Torre Annunziata (Napoli)	29.08.09
a. 73	Portici (Napoli)	8.09.34
	† Napoli	22.12.82
P Patalavicius Casimiro (SMA)	* Sargine Kaimas (Lituania)	16.12.12
a. 70	Chieri (Torino)	12.09.35
	Madrid (Spagna)	24.06.46
	† Madrid (Spagna)	17.01.83
P Patti Antonio (ISI)	* Biancavilla (Catania)	5.06.95
a. 87	San Gregorio (Catania)	15.09.29
	Catania	24
	† Catania	21.11.82
L Peracchi Antonio (BMA)	* Gazzaniga (Bergamo)	17.01.14
a. 68	Jaboatão (Brasile)	19.12.36
	† Manaus (Brasile)	28.10.82
P Pivano Secondo (INE)	* Sordevolo (Vercelli)	27.01.99
a. 83	Ivrea (Torino)	5.10.22
	Torino	2.06.28
	† Novara	17.11.82
P Power Edward (AUL)	* Ballydough (Irlanda)	12.10.10
a. 72	Oxford (Gran Bretagna)	12.09.31
	Melbourne (Australia)	23.07.39
	† Lysterfield (Australia)	25.11.82

P Sabatino Leonardo (ISI) a. 58	* Petralia Soprana (Palermo) 2.01.24 San Gregorio (Catania) 16.08.41 Messina 29.06.51 † Palermo 18.11.82
P Scuderi Vincenzo (ISI) a. 80	* Ramacca (Catania) 30.05.02 San Gregorio (Catania) 20.09.18 San Gregorio (Catania) 29.05.26 † Catania 22.11.82 Fu Ispettore per 7 anni — Amministratore Apostolico di Krishnagar (India) per 3 anni.
P Sersen Francesco (CEB) a. 88	* Spacince (Cecoslovacchia) 6.11.94 Ivrea (Torino) 29.09.14 Genzano (Roma) 18.12.26 † Sastin (Cecoslovacchia) 11.82
P Stanco Francesco (IRO) a. 79	* Paola (Cosenza) 27.08.03 Genzano (Roma) 6.09.19 Caserta 17.12.27 † Albano (Roma) 6.01.83
P Troncana Dionisio (ING) a. 82	* Travagliato (Brescia) 14.10.00 Shillong (India) 6.01.29 Shillong (India) 29.06.35 † Travagliato (Brescia) 9.08.82
P Turco Aldo (CAM) a. 67	* Castelnuovo Don Bosco (Asti) 8.04.15 Ayagualo (El Salvador) 1.04.34 San Salvador (El Salvador) 28.04.46 † Panamá 7.10.82
P Urbaniak Ceslaw (PLE) a. 67	* Wielodwor (Polonia) 11.05.15 Czerwinsk (Polonia) 26.07.34 Milanówek (Polonia) 23.12.44 † Kutno (Polonia) 29.10.82
P Vargas Arturo (ACO) a. 87	* Rio Cuarto (Argentina) 17.02.95 Bernal (Argentina) 24.01.14 La Plata (Argentina) 25.01.25 † San Juan (Argentina) 13.10.82
P Verboket Adolphe (BES) a. 77	* Liège (Belgio) 30.08.05 Groot-Bijgaarden (Belgio) 25.08.32 Oud-Heverlee (Belgio) 27.04.52 † Liège (Belgio) 7.11.82
P Vilosio Domingo (ACO) a. 70	* San Francisco (Argentina) 14.05.12 Vignaud (Argentina) 31.01.33 Córdoba (Argentina) 29.11.42 † Córdoba (Argentina) 9.11.82
P Wilkosz Stanislaw (PLE) a. 73	* Zakopane (Polonia) 13.11.09 Czerwinsk (Polonia) 24.07.28 Plock (Polonia) 11.06.38 † Plock (Polonia) 13.10.82

68 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Winterscheidt Leo (SUE) a. 62	* Mercier (USA)	2.08.20
	Newton (USA)	8.09.40
	Torino	2.07.50
	† Birmingham (USA)	15.01.83
P Wyszomierski Boleslao (BMA) a. 65	* Pogorzal (Polonia)	28.04.17
	Czerwinski (Polonia)	2.08.39
	Kraków (Polonia)	4.07.48
	† Jauareté (Brasile)	28.12.82
P Zajkowski Miroslaw (PLE) a. 49	* Zajki (Polonia)	6.08.33
	Czerwinski (Polonia)	2.08.54
	Lad (Polonia)	12.02.66
	† Czerwinski (Polonia)	15.11.82
P Zaninetti Osvaldo (ACO) a. 63	* Córdoba (Argentina)	21.02.19
	Montevideo (Uruguay)	29.01.39
	Córdoba (Argentina)	23.11.47
	† Córdoba (Argentina)	18.05.82
P Zucchetti Demetrio (ILE) a. 72	* Melzo (Milano)	15.03.10
	Chieri (Torino)	1.10.32
	Padova	29.06.40
	† Treviglio (Bergamo)	17.12.82

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR
SÃO PAULO

